



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**O VENTO NO ARQUIPÉLAGO DE ILHABELA (1900 - 2023)**

**ACAUÃ ALLENDE SILVA CAPUCHO**

Foz do Iguaçu  
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

## **O VENTO NO ARQUIPÉLAGO DE ILHABELA (1900 - 2023)**

**Acauã Allende Silva Capucho**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História América Latina.

Orientadora: Prof. Dra. Mirian Santos Ribeiro de Oliveira

Foz do Iguaçu  
2024

ACAUÃ ALLENDE SILVA CAPUCHO

## O VENTO NO ARQUIPÉLAGO DE ILHABELA (1900 - 2023)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História América Latina.

### BANCA EXAMINADORA

Mestre Rodrigo Launikas Cupelli  
Examinador externo  
ITAIPU Binacional (Divisão de Educação Ambiental)

Prof. Dr. Pedro Afonso Cristovão dos Santos  
Examinador interno  
UNILA

Prof. Dra. Mirian Santos Ribeiro de Oliveira  
Orientadora  
UNILA

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Dedico este trabalho a Caetana Peñuela Capucho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a meus pais, Claudia Peixoto Silva e Joadir Luiz Capucho, pelo amor, dedicação e paciência. Agradeço a meus avós, Albina Peixoto Silva, Caetana de Paiva de Oliveira e João Batista Capucho por sempre circularem em meus pensamentos, pelo amor, dedicação e paciência. Agradeço a Adriana Jazmin Peñuela, mãe de minha filha.

Agradeço a minha professora e orientadora Mirian Santos Ribeiro de Oliveira pelos ensinamentos, orientação, paciência e pela dedicação em nosso trabalho. Agradeço aos professores Pedro Afonso Cristovão dos Santos e Andrea Ciacchi pelos ensinamentos e conselhos durante os trabalhos.

Deixo meus agradecimentos aos professores pelo tempo compartilhado e pelos ensinamentos: Rosangela de Jesus Silva, Evander Ruthieri Saturno da Silva, Paulo Renato da Silva, Cleusa Gomes da Silva, Alexandre Camera Varella, Diego Chozas Ruiz-Belloso, Rodrigo Villagra Carron, Ana Rita Uhle, Hernan Venegas Marcelo, Viviane da Silva Araújo, Rodrigo Faustinoni Bonciani, Juliana Pirola da Conceição Balestra, Dinéia Ghizzo Neto Fellini, Juliana Cristina Larsen, Luciana Mello Ribeiro, Waldemir Rosa, Patricia Sposito Mechi, Gonzalo Patricio Montenegro Vargas, Thiago Marcondes Valenzuela Bolivar, Juliana Franzi, Paula Linhares Angerami, Mario Ramao Villalva Filho.

Agradeço a meu amigo Ricardo Imakawa que cedeu um documento importante para nossa pesquisa. Agradeço também, a meus amigos velejadores Fidura Cardial e Dani Cardial pelas histórias compartilhadas. Agradeço a meu amigo Michel de Paula Soares pelos aprendizados sobre pesquisa em nossa passagem pela Bahia. Agradeço a todos meus colegas de curso, em especial, a meus amigos Leonardo Souza e Tumbao Velasquez y Castro.

Agradeço a bolsa cedida pela Prefeitura de Ilhabela, sem esse apoio não seria possível.

*Vento que balança as palhas do  
coqueiro, vento que encrespa as ondas  
do mar, vento que assanha os cabelos  
da morena, me traz notícia de lá.*

***Inezita Barroso***

*El viento viene, el viento se va*

*Por la frontera*

*El viento viene, el viento se va*

***Manu Chao***

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender o protagonismo do vento na história do arquipélago de Ilhabela, localizado no litoral norte do estado de São Paulo no Brasil. Como metodologia analisamos fontes antropocêntricas e buscamos notar a presença e atuação do sujeito planetário no arquipélago. A primeira parte do trabalho consiste em analisar fontes do século XX e observar a influência e atuação do vento em saberes e fazeres. No segundo momento, analisamos a ligação e relação do vento com o turismo no arquipélago. Na terceira parte do trabalho é feita uma discussão teórica em relação aos argumentos elaborados através das interpretações das fontes, compreendendo que história pode ser escrita em diálogo com a natureza. Consideramos o presente trabalho como o primeiro esforço para entender a história da região em termos planetários. Através desta pesquisa constatamos que o elemento vento foi e segue exercendo grande protagonismo na história do arquipélago de Ilhabela.

**Palavras-chave:** vento; arquipélago de Ilhabela; história ambiental; característica planetária; grupos insulares.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene por objetivo comprender el protagonismo del viento en la historia del archipiélago de Ilhabela, ubicado en la costa norte del departamento de São Paulo en Brasil. Como metodología analizamos fuentes antropocéntricas y buscamos notar la presencia y actuación del sujeto planetario en el archipiélago. La primera parte del trabajo consiste en analizar fuentes del siglo XX y observar la influencia y actuación del viento en el conocimiento y el hacer. En el segundo momento analizamos la conexión y relación del viento con el turismo en el archipiélago. En la tercera parte del trabajo se desarrolla una discusión teórica en relación a los argumentos elaborados a través de la interpretación de las fuentes, comprendiendo que la historia puede ser escrita en diálogo con la naturaleza. Consideramos el presente trabajo como el primer esfuerzo para entender la historia de la región en términos planetarios. A través de esta investigación constatamos que el elemento viento fue y sigue ejerciendo gran protagonismo en la historia del archipiélago de Ilhabela.

**Palabras clave:** viento; archipiélago de Ilhabela; historia ambiental; característica planetaria ; grupos insulares.

## ABSTRACT

The objective of this work is to understand the role of wind in the history of the Ilhabela archipelago, located on the northern coast of the department of São Paulo in Brazil. As a methodology we analyze anthropocentric sources and seek to note the presence and performance of the planetary subject in the archipelago. The first part of the work consists of analyzing sources from the 20th century and observing the influence and performance of the wind on knowledge and doing. In the second moment we analyze the connection and relationship of the wind with tourism in the archipelago. In the third part of the work, a theoretical discussion is developed in relation to the arguments developed through the interpretation of the sources, understanding that history can be written in dialogue with nature. We consider this work as the first effort to understand the history of the region in planetary terms. Through this research we confirmed that the wind element was and continues to play a great role in the history of the Ilhabela archipelago.

**Keywords:** wind; Ilhabela archipelago; environmental history; planetary characteristic; island groups.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Mapa de Ilhabela	50
------------------------------------	----

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1</b> – Comunidade do Bonete em Ilhabela	35
<b>Fotografia 2</b> – Casa de pau-a-pique no Bonete em Ilhabela	37

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Classes convidadas - 50ª edição da Semana Internacional de Vela de Ilhabela	41
<b>Quadro 2</b> – Calendário de eventos de Ilhabela 2023	44
<b>Quadro 3</b> – Manchetes Seleccionadas	51

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Produção de café por arrobas	19
<b>Tabela 2</b> – Mudança de população 1836 – 1940	19
<b>Tabela 3</b> – Taxa de crescimento do número de domicílios particulares de uso ocasional	40
<b>Tabela 4</b> – Aumento populacional no município de Ilhabela de 1950 - 2002	40

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

Condephaat	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico Artístico e Turístico do Estado
CPTEC/INPE	Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
CTS	Ciência do Sistema Terrestre
EVI	Escola Municipal de Vela “Lars Grael”
GVI	Grêmio de Vela de Ilhabela
SCG	Sistema Climático Global
SIVI	Semana Internacional de Vela de Ilhabela

## SUMÁRIO

BANCA EXAMINADORA.....	3
AGRADECIMENTOS.....	5
LISTA DE FIGURAS.....	10
LISTA DE QUADROS.....	10
LISTA DE TABELAS.....	10
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....	11
INTRODUÇÃO.....	12
1. A PRESENÇA DO VENTO NAS FONTES.....	16
1.1 O vento em torno da canoa: como o vento altera o feitio da canoa.....	16
1.2 Vento, mobilidade e navegação na canoa caiçara até meados do século XX.....	20
1.3 O vento e a economia do arquipélago em torno da canoa de voga. Do final do século XIX até os anos 1960.....	23
1.4 Relação entre o vento, pesca e festival da tainha.....	26
1.5 A presença do vento na religião: antropomorfização e religião.....	28
1.6 O vento e a alteração na arquitetura para os caiçaras.....	36
2. O VENTO E O TURISMO.....	40
2.1 Escolinha de vela e o título de capital da vela.....	52
3. DEBATE TEÓRICO.....	55
3.1 Pouco mais de cem anos de análise.....	55
3.2 Lidando com a natureza planetária.....	57
3.3 Clima e história, uma abordagem necessária.....	57
3.4 Humanos como agentes geológicos.....	59
3.5 A parcela de vida vento .....	61
3.6 Vento, deslocamento e economia.....	64
3.7 Grupos insulares e natureza.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	73

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo geral compreender o protagonismo do vento na história do arquipélago de Ilhabela, localizado no litoral norte do estado de São Paulo no Brasil. Notamos que a maioria dos estudos históricos realizados na região têm caráter antropocêntrico. Ou seja, são estudos que têm o ser humano como sujeito central para compreensão de mundo. Nosso trabalho propõe direcionarmos nosso olhar para uma característica planetária, no caso o vento, para a compreensão da região. O arquipélago é composto por onze ilhas, são elas: Ilha de São Sebastião, Ilha dos Búzios, Ilha de Vitória, Ilha dos Pescadores, Ilha da Serraria, Ilha Sumítica, Ilha Ribeirão, Ilha da Lagoa, Ilhas das Galhetas, Ilha da Prainha, Ilha das Cabras. Também fazem parte três ilhotes: Ilhote das Cabras, Ilhote Codó e o Ilhote da Figueira. Três lajes: Laje da Garoupa, Laje do Carvão e a Laje da Fome. E um Parcel: Parcel de Itapecirica (PLANO DE MANEJO, 2015). Esse conglomerado está localizado no litoral norte do estado de São Paulo no Brasil. Segundo o Guia de Áreas Protegidas, o Parque Estadual de Ilhabela engloba 85% do arquipélago (GUIA DE ÁREAS PROTEGIDAS, “s.d”). Nossa análise está delimitada entre o início do século XX e os dias atuais, recorte possibilitado por nosso conjunto de fontes, do qual trataremos em breve.

Nosso trabalho se aproxima de temáticas ambientais que observam o planeta como um espaço de interações. Isso quer dizer que nos aproximamos de estudos que buscam analisar em conjunto a natureza, o planeta, seres humanos e não humanos, não os distanciando. Em nosso estudo procuramos dar ênfase às influências que a natureza exerce sobre as atividades humanas. Consideramos válida a concepção que consiste em pensar os humanos como agentes geológicos. Ou seja, entendemos que as atividades humanas podem alterar os sistemas de funcionamento do planeta. Nos aproximamos dos trabalhos que compreendem que não vivemos todos no mesmo mundo mas que compartilhamos o mesmo planeta. Nos acercamos dos estudos que buscam reorganizar e recompreender as relações da natureza com os seres humanos.

Para alcançarmos nosso objetivo geral, que consiste em compreender o protagonismo do vento na região, antes, entendemos que necessitamos responder nossos objetivos específicos. São eles:

- Compreender se o vento é considerado em práticas tradicionais da comunidade caiçara
- Compreender como o vento é conhecido pelos habitantes
- Compreender se o vento faz parte de temas, conteúdos artísticos, festividades e comemorações do arquipélago

- Compreender a influência do vento no dia a dia dos moradores
- Compreender se o vento foi elemento importante para a economia do arquipélago
- Compreender a influência do vento para o turismo do arquipélago
- Compreender se o vento faz parte de políticas públicas no arquipélago

Para compreendermos nossos objetivos trabalharemos com um conjunto de fontes variadas: documentos oficiais, estudos antropológicos, jornais, poemas e músicas (pasquins), tendo em vista observar as representações do vento, como um dos fatores decisivos, para elaboração de cultura, costumes, subsistência, autonomia, economia, mobilidade social e subjetividades para as comunidades do Arquipélago de Ilhabela. Esse conjunto de fontes foi produzido por pesquisadores, jornalistas, moradores, artistas, instituições e órgãos públicos. Através das fontes poderemos observar qual a atuação no território e para a população, tanto em suas aparições e desdobramentos como no dia a dia. Buscaremos entender a história de um elemento planetário com histórico de grande atuação na região. Utilizaremos o termo planetário no sentido de que nosso sujeito existe devido às condições do planeta e não a condições humanas, terrestres ou globais. Analisaremos fontes antropocêntricas e pretendemos notar a presença do sujeito no arquipélago. Nossa abordagem para a seleção de fontes é baseada na aparição do vento como um agente ou na revisão da aparição do elemento e sua possibilidade enquanto intermediador, considerando se foi dada ou não a devida atenção ao elemento. Por meio de nossa seleção, buscamos entender a presença e relevância do vento no arquipélago.

No primeiro capítulo trabalharemos com fontes que se remetem ao período do início do século XX, passando pelos anos 1930, 1940, chegando até entre os anos 1960, 1970. Nesse período o arquipélago de Ilhabela ainda não havia se tornado um parque estadual, sua economia ainda era baseada na pesca e na agricultura. Um período em que a região enfrentava dificuldades de acesso por terra e as comunidades caiçaras ainda eram bastante fechadas em si mesmas. Os documentos analisados no primeiro capítulo estão ligados aos saberes, fazeres e memórias das comunidades tradicionais caiçara que fazem parte do arquipélago, são eles:

- *Dossiê para instrução de processo de registro de bem cultural de natureza imaterial junto ao IPHAN. O feitio da canoa caiçara de um tronco só: a cultura imaterial de uma nação, em 25 linhas* (2011)
- *Coleção Enciclopédia Caiçara* (2004)
- *A Ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no sul do Brasil* (2003)

- *A disputa pela hegemonia do espaço na Baía de Castelhanos (2007)*
- *Documento Preservação da Cultura caiçara: restauração de um exemplar do antigo meio de transporte representado pelas canoas de voga (1997)*
- *Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara (1980)*
- *Coleção Projeto registro da tradição oral no arquipélago de Ilhabela (2007) Revista do arquivo municipal da cidade de São Paulo (1950)*
- *Memória de Ilhabela: faces ocultas vozes no ar (2000)*
- *Direito das comunidades tradicionais caiçaras (2016)*
- *Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara (1980)*
- *O saber e fazer da comunidade tradicional caiçara da praia do Bonete na Ilhabela (2009)*
- *Cidade e Natureza: mercado imobiliário, turismo e desenvolvimento urbano em Ilhabela (2009)*

No segundo capítulo, faremos um breve histórico sobre a expansão do turismo no litoral norte, sua relação com as fundações dos parques estaduais e o aumento do turismo e veraneio nos anos 1970. Depois analisaremos o arquipélago com sua economia já baseada no turismo e no veraneio, com fontes que tratam sobre o turismo proporcionado pelo vento. São elas:

- *A construção do patrimônio natural (2006)*
- *Análise do site e rede social da Semana Internacional de Vela de Ilhabela*
- *Desenvolvimento Social e Econômico: impactos do turismo no município de Ilhabela/SP (2019)*
- *Calendário de eventos de Ilhabela*
- *Divulgações da Confederação Brasileira de Vela*
- *Fontes de imprensas relacionadas ao vento no arquipélago*
- *Título federal de reconhecimento como capital da vela. LEI Nº 12.457, DE 26 DE JULHO DE 2011*
- *Fontes de imprensa em relação aos atletas de Ilhabela em interação com o elemento vento*

Seguiremos as seguintes etapas no trato das fontes: primeiro verificaremos a presença do elemento vento nas fontes. Após a verificação, levaremos em conta qual foi a importância dada ao elemento. Se considerarmos que não foi dada a atenção necessária ou se compreendermos que o elemento ficou em segundo plano, traremos o mesmo para o centro empregando o valor devido para nossa

abordagem. De maneira geral, nossa metodologia consiste na análise do elemento vento tanto nas narrativas e discursos, como na análise do mesmo para composição da cultura e organização social do arquipélago de Ilhabela.

No terceiro capítulo, faremos uma discussão teórica em relação aos argumentos levantados através das fontes, defendendo a ideia da interdisciplinaridade dentro da história e a importância de análises que considerem a natureza em conjunto com os seres humanos.

Considerando que há tradição de se escrever a história tendo o ser humano como agente central, acreditamos, nesse trabalho, que é necessária uma leitura histórica em que nós, humanos, não estejamos no centro. No nosso caso, partiremos da presença e atuação do elemento vento em direção ao arquipélago. Através desse mapeamento do elemento e das análises necessárias será possível responder ao nosso problema de pesquisa, que consiste na interpretação do elemento como um agente histórico para o município Arquipélago de Ilhabela.

## 1. A PRESENÇA DO VENTO NAS FONTES

Neste primeiro momento analisaremos as fontes selecionadas do início do século XX e que compreendem o arquipélago de Ilhabela até o aumento significativo das atividades turísticas na região, entre os anos 1960 e 1970. Trabalharemos com fontes que tratam sobre a relação do caiçara com a canoa, a importância da embarcação para a mobilidade na região, para o escoamento de produtos em um arquipélago que ainda tinha sua economia baseada na agricultura e na pesca. Observaremos a presença do vento em estudos antropológicos, realizados em comunidades tradicionais caiçaras, e verificaremos a atuação do elemento em seus fazeres e saberes.

Apesar de nosso interesse não ser sobre comunidades caiçaras, como utilizaremos o termo com frequência, explicaremos brevemente o que se compreende por caiçara. A princípio o termo caiçara advém da palavra Tupi-Guarani caá-içara, que diz respeito a um cercado de madeira, utilizado tanto para cercar casas e aldeias como para cercar peixes. Depois passou a ser dito também para palhoças construídas nas praias que serviam para auxiliar pescadores. Após isso passou a ser um termo utilizado para se referir ao morador de Cananéia (ADAMS, 2000, p. 146). O termo se expande aos moradores do litoral sul do Rio de Janeiro até o norte de Santa Catarina, ou seja, englobando também o litoral paulista e paranaense. Essas comunidades têm suas atividades baseadas na pequena pesca, na agricultura itinerante, através das roças, no extrativismo vegetal e no artesanato. (DIEGUES, 1999, p. 42). A categoria caiçara é definida por um grande número de autores que entendem essa formação a partir da ideia de mestiçagem quer dizer, como caiçara se compreende “aquelas comunidades formadas pela mescla da contribuição étnico-cultural dos indígenas, dos colonizadores portugueses e, em menor grau, dos escravos africanos.” (DIEGUES, 1999, p. 42). A maioria dos autores entende que essa população se forma através do despovoamento litorâneo, o que também diz respeito a quedas nas atividades econômicas litorâneas no final do século XIX (MUSSOLINI, 1980, p. 22, 23). Compreendido o termo caiçara, agora iniciaremos observando a presença e atuação do vento nas fontes.

### 1.1 O vento em torno da canoa: como o vento altera o feitio da canoa.

Nessa seção identificaremos e analisaremos as representações do vento associadas à canoa caiçara. Entendemos as canoas do tipo caiçara como um dos principais símbolos da cultura regional do arquipélago. A canoa caiçara é entalhada em um único tronco de árvore desenvolvida para locomoção e para “pesca costeira de subsistência que ocorre no litoral sul fluminense, paulista até o

norte paranaense” (NÉMETH, 2011, p. 3). Tentaremos entender como esse produto e símbolo caiçara se relaciona com nosso objeto de estudo. O *Dossiê para instrução de processo de registro de bem cultural de natureza imaterial junto ao IPHAN* (2011) foi produzido com a finalidade de iniciar o processo de reconhecimento do feitio da canoa caiçara um patrimônio imaterial. Na elaboração do documento, Peter Németh demonstra que o conhecimento sobre o território é parte indispensável para a construção da canoa. Pensando nosso sujeito, para compreender as especificidades nas construções das embarcações, é necessário entender como a atuação do vento em determinada região altera o feitio das canoas, modificando sua capacidade de navegação.

Desde a chegada dos portugueses e espanhóis, podemos identificar em seus relatos que a canoa fazia parte do universo americano e no litoral paulista não era diferente, considerando Tupiniquins e Tupinambás. Porém, segundo o documento, como os indígenas do litoral foram praticamente expulsos, os modelos de canoa que prosperaram na região foram modelos europeus, africanos e asiáticos. Isso é importante porque, segundo nos mostram as fontes, a vela só foi inserida com a chegada dos portugueses, o que significa o aproveitamento do vento como combustível para a navegação. O pesquisador nos diz que “o Brasil é o país com a maior variedade de canoas do mundo” e “a primeira adaptação foi o uso da vela” (NÉMETH, 2011, p. 9). A vela não é o único elemento que se deve observar ao analisar a relação entre vento e embarcação. O documento nos mostra que, se tratando das adequações feitas nas canoas, vários fatores são levados em consideração: as condições do mar, a finalidade do tipo de pesca, as madeiras utilizadas e a relação e presença do vento com as comunidades nos diferentes territórios. O vento deve ser entendido, no presente trabalho, como atuante e parte do território. As canoas caiçaras construídas na comunidade do Bonete, em Ilhabela, por exemplo, têm o diferencial da sobre proa, sobre popa e sobre borda. Essas são madeiras entalhadas e anexadas por toda a borda da canoa para melhor navegação e maior aproveitamento do espaço de dentro da canoa. O mestre canoeiro, ou seja, quem faz a canoa, considera, portanto, a relação geográfica com o vento para desenvolver a bordadura e entende que o mar nessa região é mais revolto que em outras regiões. Por exemplo, uma canoa feita para navegar em rios, mangues, não leva nenhuma madeira sobre o tronco principal. Assim, o mestre boneteiro decide, também por influência do vento, a necessidade da adequação. O que queremos dizer aqui é que, não fosse o mar revolto, bravo, os fortes ventos, essas canoas não teriam essa singularidade. Nossa preocupação é, portanto, observar como vento e território são absorvidos e representados em formas de símbolos, emblemas, costumes e tradições. Ou seja, na canoa produzida em Ilhabela costuma-se usar um diferencial para navegação que são as sobre bordas, sobre proas, sobre popas. Peter faz uma interessante observação:

Aparentemente todas as canoas são iguais, mas **o pescador caiçara experiente sabe distinguir características especiais da embarcação capazes de identificar a sua origem territorial, o uso a que se destina e qual mestre canoeiro a construiu**, por um conteúdo singular denominado o “feitio da canoa” (NÉMETH, 2011, p.15, grifo nosso).

Quando ele ressalta que a origem territorial pode ser identificada a partir da embarcação, temos uma pista interessante. O que define a origem territorial da canoa caiçara de Ilhabela? Para responder a essa pergunta, analisamos também o documento produzido por Wanda Maldonado, intitulado “A construção material e simbólica da canoa caiçara em Ilhabela”. Németh buscava informações sobre a canoa. Nós buscamos identificar as alterações que o objeto sofre em relação ao território e, como já pontuamos, conseqüentemente, ao vento. Maldonado entende que a história de Ilhabela está “vinculada intrinsecamente à construção e ao uso da canoa” (MALDONADO, 2004, p.298). Destaca também que o vento e as correntes marítimas são influentes na feitura dos diferentes tipos de embarcação (MALDONADO, 2004, p. 297). Ary França relata que Ilhabela foi o principal centro de construção de canoas de voga e de canoas menores até 1930 (MALDONADO, op. cit.; FRANÇA, p. 138). Sua pesquisa nos mostra que o excedente da produção de mercadorias era levado para Parati e para Santos. “Para o transporte utilizavam a canoa de voga, com propulsão a remos e velas” (MALDONADO, 2004, p. 297). Essa fase em Ilhabela ficou conhecida como a *epopeia caiçara*, justamente caracterizada pela dificuldade de transporte da produção excedente. Sob um olhar econômico, segundo Maria Tereza Luchiari em “Caiçaras, Migrantes e Turistas: a trajetória da apropriação da natureza no litoral norte paulista” (2006), a *epopeia caiçara* foi caracterizada pelo sustento advindo das “canoas de voga, pelas lavouras, pela pesca artesanal e pelo espaço social caiçara, onde o tempo natural e o espaço natural possuíam forte poder na orientação das atividades econômicas e sociais” (LUCHIARI, 2006, p. 115). Esse tipo de navegação a pano, ou seja a vela, descrito por diversos autores, é conhecido como traquete. Segundo Németh, foi esse tipo de navegação que permitiu menor esforço nas viagens quando o vento estava a favor. “Estas viagens em meio a ventos e tempestades criaram histórias de eventos fantásticos e heroicos que atravessaram gerações até os dias de hoje” (NÉMETH, 2011, p. 40). Essa forma de navegação a pano faz parte das narrativas orais de diversos caiçaras, amplamente registradas em estudos sobre canoas e comunidades caiçaras por diversos pesquisadores.

Maldonado classifica as canoas por finalidade em Ilhabela: a canoa, de 3 a 4 metros, com a finalidade de pesca costeira com linha; o batelão, de 4 a 7 metros, com a finalidade de pesca com

rede e a canoa de voga; canoa bordada ou canoa caiçara, com mais de 7 metros, com a finalidade de navegações marítimas, pesca e transporte. Em suas pesquisas de campo, realizadas nos anos 2000, a autora ainda descobre uma canoa não mais fabricada, a canoa regata. Uma canoa sem bordadura muito veloz, que “corta muita água”, e que não era utilizada para a pesca na ilha. Essa canoa regateira era encomendada por pescadores de Santos para pesca da manjuba e na ilha “eram utilizadas exclusivamente para regatas que ocorriam duas vezes no ano no município” (MALDONADO, 2004, p. 299, 300). A bordadura se refere a uma tábua colocada na sobreproa, sobrepopa e sobreborda, servindo para aumentar a capacidade de carga da canoa e para estabilização ao navegar, como já dito. São mais comumente usadas em canoas batelão e voga. As bordaduras são de extrema importância para a navegabilidade e só podem ser feitas de maneira perfeita por um mestre canoeiro (MALDONADO, 2004, p. 309). Sugerimos aqui um caminho para o pensamento: o vento, o mar bravo, o peso da carga, a capacidade de navegação e a segurança da canoa. Vemos novamente a importância do vento na produção da canoa. A navegabilidade da canoa diz respeito a como foi construída, quem pilota, as condições do mar e também ao vento. Esse saber só é possível por uma combinação de experiência, de quem recebe o título de mestre canoeiro, e seu saber intrínseco em relação ao seu território.

Maldonado compreende que o trabalho de construção da canoa é um trabalho coletivo, considerando “a participação de diversos membros da comunidade na construção” (MALDONADO, 2004, p. 313). Conseqüentemente, esse trabalho gira em torno do mestre canoeiro, que por sua vez adquire habilidade específica de leitura do vento dentro de sua própria experiência em relação a seu território. Não entraremos no passo a passo da construção desta embarcação de um tronco, mas faremos uma linha de raciocínio para pensá-la. Desde o corte da madeira, o mestre canoeiro está em interação com o território. Sabe qual madeira tirar e qual a finalidade da madeira, se é possível ser feita uma canoa ou duas canoas. A canoa começa a ser escavada ainda dentro da mata. Depois é puxada para a praia onde será finalizada. A puxada da canoa é a tarefa mais difícil e vai depender da participação direta do grupo. Um trabalho comunitário em que se “criam duradouros laços de solidariedade”. A geração mais nova, segundo os antigos, tem cobrado pelo serviço da puxada o que desagrade os mais antigos pela “perda dos laços de reciprocidade” (MALDONADO, 2004, p. 314). O mestre canoeiro busca a canoa perfeita, seja em termos de navegabilidade ou por questões estéticas. Ele “é capaz de confeccionar e assentar a bordadura, o diferencial das canoas de voga” (MALDONADO, 2004, p. 316). Essa atenção à bordadura é um diferencial para a navegabilidade e que conseqüentemente está ligada ao regime de ventos na região. Ilhabela exportava canoas de voga para Ubatuba, São Sebastião e Caraguatatuba,

e do tipo regata para Santos. Segundo Maldonado, quando se podia retirar madeira, “era comum que pescadores do estado do Rio de Janeiro que passavam pela baía de Castelhanos se interessassem por embarcações pertencentes aos pescadores locais” (MALDONADO, 2004, p. 317, 318). Maldonado está atenta à canoa, nós ao vento. Observamos aqui que a “fama” da navegabilidade da canoas tem relação direta com a forma pela qual o vento atua na região. A autora conclui que a construção da canoa é baseada na “relação existente com o ambiente, na prática adquirida na sua execução e na reprodução do conhecimento por meio da participação do aprendiz no processo de construção” (MALDONADO, 2004, p.318). Parte do símbolo da canoa caiçara traz em si características do vento, tanto em matéria como no conhecimento do mestre canoeiro.

## **1.2 Vento, mobilidade e navegação na canoa caiçara até meados do século XX.**

Uma vez que nosso recorte territorial remete a um arquipélago, a comunidades insulares, o vento é um dos principais fatores que interferem na mobilidade, que diz respeito à capacidade ou possibilidade de navegação. O antropólogo norte-americano Emílio Willems publicou um livro com uma das pesquisadoras mais notáveis para os estudos sobre Ilhabela, Gioconda Mussolini, intitulado *Ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no sul do Brasil (2003)*. Contempla pesquisas de campo realizadas entre 1946 e 1948. O livro traz duas tabelas interessantes que revelam o despovoamento de Ilhabela, citado por tantos autores. Sabe-se que, durante a segunda metade do século XIX, o litoral sudeste do estado de São Paulo passou por uma diminuição demográfica ocasionada pela migração da população para o interior do estado em busca de melhores condições de vida. Isso ocorreu devido à construção de uma linha férrea que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro, o que acabou por favorecer o transporte de mercadorias entre as duas cidades. Além dessa linha férrea, foi construída outra que ligava a cidade de São Paulo à cidade de Santos (WILLEMS, 2003, p.23). Essas mudanças no transporte e no escoamento acabaram por concentrar a população nas duas cidades. Os outros portos marítimos espalhados pelo litoral paulista “rapidamente se tornaram obsoletos” (WILLEMS, 2003, p.23). Em Ilhabela, essa mudança também é comprovada pela queda da produção de café no final do século XIX até quase meados do século XX:

<b>Tabela 1. Produção de café por arrobas. (arroba = 15 quilos)</b>					
<b>Município</b>	<b>Ano</b>				
	<b>1836</b>	<b>1854</b>	<b>1886</b>	<b>1920</b>	<b>1935</b>
Ubatuba	31.000	99.500	5.000	153	2.132
Ilhabela	10.289	112.500	4.000	3.020	10.338
São Sebastião	42.845	86.000	600	-	1.213

Tabela nº 1. Replicada por nós. Disponível em (WILLEMS, 2003, p.23)

<b>Tabela 2. Mudança de população 1836 - 1940</b>						
<b>Município</b>	<b>Ano</b>					
	<b>1836</b>	<b>1854</b>	<b>1886</b>	<b>1920</b>	<b>1935</b>	<b>1940</b>
Ilhabela	4.235	10.769	6.833	8.052	6.215	5.568
Ubatuba	6.032	-	7.803	10.179	7.593	7.255

Tabela nº 2. Replicada por nós. Disponível em (WILLEMS, 2003, p.23)

Assim como Mussolini, o autor considera a redução da população um fator formador de cultura nessa região do litoral paulista (WILLEMS, 2003, p.24). Segundo ele, a condição de semi-isolamento das comunidades advém de uma “mobilidade espacial considerável que é manifestada nas frequentes migrações dos indivíduos para Santos e em expedições comerciais para localidades bastante distantes no litoral” (WILLEMS, 2003, p.25). Willems está pensando a diferença entre isolamento e semi-isolamento, o que era uma discussão importante na época, para a antropologia cultural. Antonio Carlos Diegues escreve o prefácio do livro de Willems e Gioconda e nos traz informações interessantes. Segundo Diegues, Willems foi “um dos primeiros antropólogos a afirmar a unidade da cultura caiçara” (WILLEMS, 2003, p.8). Outro ponto destacado por Diegues no trabalho sobre a Ilha de Búzios “é a afirmação de que, mesmo as comunidades geograficamente mais isoladas, como as caiçaras insulares, mantinham constantes contatos com as cidades” (WILLEMS, 2003, p.8). Nós, ao observarmos o vento, entendemos que esse agente natural foi um dos principais fatores que interferiram na mobilidade da comunidade, bem como na condição de semi-isolamento do arquipélago de Ilhabela nesse período.

Willems narra sua chegada à Ilha de Búzios, que, como outras ilhas, também pertence ao arquipélago de Ilhabela. Búzios é uma ilha que não possui praias e o desembarque de pessoas é feito através de estivas. Estivas são trançados de madeira, que são apoiados nas costeiras, tanto para o

desembarque de pessoas quanto para a subida das canoas para os “estaleiros”, locais destinados à proteção da canoa e materiais de pesca. Segundo o autor, em sua travessia para a Ilha de Búzios, o mar estava agitado e por isso tiveram uma “rara oportunidade de observar a habilidade dos buzianos” (WILLEMS, 2003, p.36) com relação à navegação e ao desembarque. Ao destacar o mar agitado podemos entender a atuação do vento na região e assim a necessidade de apropriação do elemento, o que é diferente de domínio. Ou seja, apropria-se da condição do vento para a navegação. Willems destaca também que a maior parte da pesca era feita pelas canoas de voga, impulsionadas a remo (WILLEMS, 2003, p.63). O foco desses trabalhos está relacionado diretamente à comunidade, na qual o homem teoricamente domina a natureza. Porém, não se dá atenção ao elemento natural como agente histórico. Outra vez, a partir desta análise, podemos perceber o vento atuando como um condicionador da história do arquipélago.

Vejam um ponto interessante: quando pensamos neste período, de 1900 a 1950, os documentos nos mostram a importância que se dava, e se dá até hoje, às canoas caiçaras. Isso nos mostra com nitidez porque a canoa é considerada um símbolo das comunidades caiçaras. Foi ela o principal meio de locomoção em uma época em que as rodovias, que hoje ligam o litoral norte de São Paulo a outras regiões, ainda não existiam ou não eram de fácil acesso. Conseguimos observar também as relações que unem a embarcação aos grupos. O vento pode ser considerado um fator determinante tanto para elaboração da canoa como para a mobilidade, para o tipo de pesca realizado, e também para a formação de inteligência refinada e específica em relação direta com o território. Vejam esse trecho:

“O manuseio das canoas de voga mostra grau impressionante de adaptação, pelos buzianos, às condições ambientais desfavoráveis e isso contrasta muito com a péssima adaptação às comunicações por terra. Para se manusear com sucesso uma canoa de voga, qualquer que seja seu tamanho, é necessário conhecimento detalhado das ondas, de sua direção e força durante a maré alta e baixa, assim como sob diferentes condições climáticas. Cada porto tem o próprio “movimento” na terminologia dos ilhéus e este movimento é conhecido por quem usa o porto” (WILLEMS, 2003, p. 36).

Esse movimento referente aos portos citado pelo pesquisador pode ser entendido como as modificações que o vento causa tanto na navegabilidade quanto na região. Por exemplo, o “movimento” do local de desembarque na Ilha de Búzios será diferente do “movimento” na ilha da Vitória, que será diferente no porto do Bonete e assim sucessivamente, nos diferentes agrupamentos

espalhados. O caiçara de Ilhabela adota conhecimentos específicos em relação ao seu território, onde nosso sujeito histórico tem influência e presença marcantes. Podemos entender que os caiçaras de Ilhabela pautavam seus dias pelas condições que o ambiente proporciona. Mas também podemos perceber que o vento direcionou a observação do caiçara, de forma direta e intrínseca. Segundo Willems, durante sua estadia em Búzios, a comida era escassa, pois as condições do mar não permitiam a pesca nem a ida até Ilhabela ou São Sebastião para compra de mantimentos, e mesmo assim os caiçaras não se preocupavam com isso. Ainda diz que essas condições poderiam ser evitadas com maior armazenamento, “mas isso significaria mais trabalho, e mais trabalho do que o estritamente necessário para a existência dia-a-dia não se adapta à concepção do modo de vida do ilhéu” (WILLEMS, 2003, p. 97). Ou seja, um modo de vida no qual o vento também é um dos responsáveis pelo ritmo das atividades estabelecidas pela comunidade. O que o pesquisador americano talvez não tenha se dado conta é que a partir do momento que entendemos que o vento interfere nas decisões dos habitantes locais, ele tem relação direta com a organização social das comunidades do arquipélago.

### **1.3 O vento e a economia do arquipélago em torno da canoa de voga. Do final do século XIX até os anos 1960.**

Até meados do século XX, a economia de Ilhabela era basicamente baseada na agricultura e na pesca. Compreendia, no século XIX, a produção de café, que foi perdendo espaço pela migração dos moradores da ilha em direção a São Paulo. Segundo Paulo da Silva Noffs em *A disputa pela hegemonia do espaço na Baía de Castelhanos (2007)*, nas duas primeiras décadas do século XX, “a produção de aguardente para o mercado de Santos sustentou a economia” da ilha (NOFFS, 2007, p. 54). O que nos interessa aqui não é descrever a economia de Ilhabela ou do arquipélago e sim observar que, mesmo com as mudanças dentro da economia, do final do século XIX até os anos 1960, o vento seguiu como um sujeito indispensável e muito influente tanto para economia como para o trânsito dos moradores do arquipélago nesse período.

Entendemos então que o símbolo da canoa caiçara tem sua história vinculada ao vento e podem ser compreendidos em conjunto. Sendo assim, nosso sujeito pode ser considerado como parte importante para as atividades econômicas do arquipélago. Tamanho é o reconhecimento à canoa caiçara em Ilhabela, que, durante anos, a canoa de voga chamada Vencedora ficou exposta na Praça Coronel Julião no centro histórico da cidade. A canoa foi doada para a prefeitura de Ilhabela por Renato Kengo Imakawa que a herdou do seu avô, Bungoro Naka. “O avô de Renato havia

comprado a canoa de um homem chamado Ernesto Tagé, um dos últimos senhores de engenho da ilha, proprietário do antigo engenho de aguardente da Praia do Jabaquara” (PREFEITURA DE ILHABELA, 2022). Hoje está exposta no Parque Fazenda Engenho D’Água para visitação, uma espécie de museu da cidade. Muitos documentos falam sobre a importância da canoa para as atividades econômicas de Ilhabela. O próprio documento da prefeitura de Ilhabela para a restaura o da canoa Vencedora traz informa es interessantes sobre a importância da canoa para economia de Ilhabela e para pensarmos a participa o do vento como um agente histórico na cidade.

O documento oficial da prefeitura de Ilhabela intitulado *Preserva o da Cultura caiçara: restaura o de um exemplar do antigo meio de transporte representado pelas canoas de voga (1997)*, nos traz pistas interessantes para entender a participa o do vento na cidade. O documento aponta a rela o de Ilhabela com a canoa desde os primórdios. Segundo consta, a canoa de voga, Vencedora, foi utilizada durante anos para “o escoamento da produ o (especialmente fruta, peixe e aguardente), levada para comercializar na praça de Santos” (STORACE, 1997, p.1). O documento traz trechos de um dos relatórios feitos pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo. Um dos textos que faz parte do relatório se chama “O Canal de São Sebast o” (1907), de autoria de Olavo Hummel. Apresenta uma descri o do canal e de Ilhabela, até então chamada de Ilha de São Sebast o. O trecho retirado do documento diz:

... E também em canoas que são conduzidos os objectos do pequeno comm rcio como lenha. tijollos, etc., e   feita a exporta o para o mercado de Santos. São as denominadas "vogas", com dous mastros, e uma tripula o de seis ou mais pessoas, que fazem esta viagem. Carregam até dezoito pipas de  guardente, em décimos ou quintos, e   por este g nero de carregamento, que se avalia sua capacidade. Navegam   vela quando possível, e senão a remos, quando há calmaria ou vento contrário (STORACE opit. HUMMEL, p.2).

O documento ainda revela que não eram poucas as canoas que faziam o trajeto para Santos com a finalidade de escoar a produ o:

Mas a ‘voga’, larga, com o bordo apenas um palmo acima da água no centro, com vento favorável, chega entre 12 e 24 horas em Santos, tomando sempre pela barra da Bertioga. Muitas vezes,   esta viagem extremamente perigosa, e não poucas são as canoas, que, no correr dos anos têm naufragado ou sido despedaçadas contra os rochedos da costa, perecendo tripula es inteiras... (STORACE opit. HUMMEL, p.

2).

Como vimos, o vento era utilizado como combustível para o escoamento de produtos no arquipélago de Ilhabela até a consolidação do motor, cuja utilização foi crescendo gradativamente. A tabela de Willems diz respeito à produção de café. Porém, sabemos que o arquipélago escoava também o excedente dos outros produtos como: “limões, cocos e outras fructas, cabritos, perús, gallinhas, patos, ovos, esteiras e objetos de barro, enfim uma infinidade de productos diversos”, além das pipas de aguardente, que constituíam a maior parte do carregamento (STORACE, 1997, p. 2).

A professora Gioconda Mussolini descreveu o modelo econômico de Ilhabela do começo do século XX de maneira minuciosa. Mussolini, à sua maneira, reforça a descrição de Olavo Hummel dos produtos que eram transportados nas vogas. Ela registrou que as canoas de voga não navegavam apenas na direção sul, para Santos, mas também costeavam rumo ao norte, para Ubatuba (extremo norte litorâneo do Estado de São Paulo) e Parati (sul do estado do Rio de Janeiro):

Os velhos representantes da ‘época das canoas de voga’ relembram com saudade: ‘bons tempos aqueles! Com os 15\$000 (!) que se ganhavam para remar e com as ‘quitandas’ que se levavam para vender, por conta da gente (isto é, ovos, peixe seco ou salgado, laranjas etc.), trazia-se para casa um sortimento completo: uma lata de querosene, um saco de sal para o peixe, anzol p’ra pescas, pano para vestido... e ainda se guardava. Mas a família era unida e ninguém saía para Santos, como fazem hoje (MUSSOLINI, 1980, p. 225, 226).

Gioconda entende que a condição de semi-isolamento dos caiçaras do arquipélago acabou por fazê-los serem menos influenciados por outros grupos e produtos e essa condição teria resultado em “um aproveitamento intenso, quase que exclusivo e mesmo abusivo dos recursos do meio, criando-se, por assim dizer, uma intimidade muito pronunciada entre o homem e seu habitat” (MUSSOLINI, 1980, p. 226). Destaca que a viagem era “penosa em condições de mal tempo, quando não raro, ficavam no mar” carga, canoa e tripulação (MUSSOLINI, 1980, p. 225). Mussolini trata de um conhecimento gerado pela condição de semi-isolamento. Nós entendemos que a condição de semi-isolamento está ligada a condições climáticas em que o vento determina quando a navegabilidade é possível ou não. A professora também nos mostra que, por volta de 1920, os “barcos de cabotagem” começaram a tomar o lugar das canoas de voga. Como as canoas eram muito grandes e não serviam para pescaria, caíram em desuso (MUSSOLINI, 1980, p. 225).

Porém, a leitura das condições de tempo se mantém até hoje, como veremos adiante.

#### **1.4 Relação entre o vento, pesca e festival da tainha.**

Sabe-se que o vento tem grande influência sobre as correntes marítimas, assim como sobre o mar de maneira geral. Existem diversos trabalhos de geografia que explicam a relação dos ventos com o mar. A geógrafa Paloma Guitarrara resume de maneira simplificada que as correntes marítimas “são grandes parcelas de água que se deslocam pelos oceanos de um local para outro” e essas diferentes correntes marítimas possuem características diferentes em relação a temperatura e salinidade (GUITARRARA, “s.d”). O que queremos dizer aqui é que existe uma relação complexa entre mar, vento e temperatura. Essa relação influi sobre os seres vivos, terrestres e marinhos. Segundo o documento do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, *Plano de gestão para o uso sustentável da Tainha no sudeste e sul do Brasil (2015)*, há um consenso entre pesquisadores ao dizer que “condições ambientais como temperatura, salinidade, correntes marítimas, **vento** e precipitação podem afetar a disponibilidade da tainha em função de mudanças no padrão migratório” (ICMBio, 2015, p. 25, grifo nosso).

O texto clássico de Gioconda Mussolini intitulado “O cerco da tainha na ilha de São Sebastião” (1980), sobre a pesca da tainha traz informações interessantes a respeito do vento. Segundo a professora, “os olhos do pescador, quando no mês de junho, se voltam constantemente para sondar a bocaina, o ponto de referência barométrico, enunciador do SW (sudoeste), o vento forte que encosta a tainha” (MUSSOLINI, 1980, p. 266). Mussolini destaca que, nesse período, o vento sudoeste sopra “impiedoso”, impedindo atividades fora de casa e que também causa preocupação no pescador que teme que o sudoeste sopra muito forte a ponto de empurrar as “mantas” (cardumes) para fora do canal ou mesmo de separar os cardumes (MUSSOLINI, 1980, p. 266). No texto, Mussolini discute os aspectos econômicos em torno da pesca da tainha, valores pagos pelas lanchas santenses (3,50 centavos de cruzeiros), divisão de lucros de acordo com as funções das canoas, relação da venda com os donos dos hotéis. Segundo ela, nesse período, um dono de hotel “não hesita em pagar numa tainha verdadeira até 12 cruzeiros e um parati, a 7 ou 8” (MUSSOLINI, 1980, p. 266). Apenas para efeito de comparação, segundo o jornal carioca O Seminário na matéria intitulada “O povo não acredita no congelamento de preços do presidente JK” (1958), “trabalhadores apresentaram à Comissão de Salário-mínimo um memorial cheio de dados estatísticos” sobre o preço de algumas mercadorias (MOREL, 1958, p.16). Segundo a matéria, o bacalhau custava, em 1956, 50 cruzeiros, em 1958 custava 156 cruzeiros (MOREL, 1958, p.16). As

notas de rodapé do texto de Mussolini trazem informações bastante interessantes. A professora relata que um pescador explicou a relação dos ventos com a pesca da tainha. Entende-se como SW o vento sudoeste e NO como o vento noroeste. Vejamos a passagem:

conhece-se o vento, por como ele se forma. O SW traz escurecimento na bocaina. O NO traz bolas de nuvens brancas em cima da serra no continente. Estas bolas avançam na direção de São Sebastião, formando uma grande bola única que se precipita num vento forte sobre o canal. É assim que o NO se transforma no SW. E o SW é o vento que estamos esperando para encostar a tainha (MUSSOLINI, 1980, p. 266).

Essas noções a respeito do vento, a leitura do tempo e a pesca podem ser notadas nas divisões das estações de pesca. A pesca para os caiçaras de Ilhabela é algo muito destacado nos trabalhos com fontes orais. Nos registros de memória que foram produzidos no Arquipélago de Ilhabela, o vento aparece de diversas maneiras. No livro *Memória de Ilhabela: faces ocultas, vozes no ar (2000)*, a pesquisadora Marcia Merlo busca fazer um registro das memórias de caiçaras. Nós buscamos observar o vento dentro das memórias destacadas no documento. Um caiçara da ilha Búzios, de 76 anos, destaca: “as crianças eram livres, com 6 anos já pescam com os pais. Conhecem o tempo, o mar” (MERLO, 2000, p. 53). Essa frase é bastante interessante, pois nos deixa uma pergunta a ser respondida: o que quer dizer conhecer o tempo e o mar? Outro caiçara nativo, porém boneteiro, de 54 anos diz: “os meninos de 6, 7 anos já vão juntos com os pais pescar” (MERLO, 2000, p.102). O *Projeto Registro da Tradição Oral no Arquipélago de Ilhabela (2007)* entrevistou Dona Licinha, caiçara, nascida em 1934 na Praia do Perequê. Esse projeto foi uma parceria da secretaria de cultura de Ilhabela com a Fundaci, que é a Fundação de Arte e Cultura de Ilhabela e a prefeitura da cidade. Licinha diz que seu avô conhecia o dia dos peixes:

meu avô chegava assim... dizia assim: ih vai dar parati! Principalmente mês de abril, maio, junho e julho. Era o mês da tainha, mês de parati. Então iam pesca. Tinha também o mês da... do galo. Da espada... dos... do galo... da sardinha. Que hoje em dia ninguém sabe o dia que ia (...) o dia da sardinha (SIMÕES, 2007, vol. 3, p. 28, 29).

Esse calendário da pesca destacado por Dona Licinha, como o dia dos peixes, está diretamente ligado às correntes marítimas, à temperatura e, conseqüentemente, ao vento. Hoje em dia, podemos notar que esse saber foi capitalizado pelo poder público na escala turística com os festivais gastronômicos. O calendário de eventos turísticos de 2023 contou com o Festival da Lula, de 31 de

março ao dia 2 de abril; o Festival da Sardinha de 26 a 28 de maio; o Festival da Tainha de 30 de junho ao dia 02 de julho; o Festival do Camarão de 03 de agosto a 10 de setembro; o Festival da Banana de 6 a 8 de outubro – destacamos esse pelo prato tradicional Azul Marinho, um cozido de peixe com banana verde (TURISMO ILHABELA). Nota-se que o calendário turístico segue os períodos de pesca das espécies, que, como vimos, diz respeito a um sistema complexo no qual o vento é um dos principais fatores de regulação. Adiante, retornaremos esse calendário para observar mais eventos relacionados à atuação do vento na região.

### **1.5 A presença do vento na religião: antropomorfização, magia e religião.**

Historicamente, o vento foi tratado por diversos grupos e comunidades como divino, tanto por sua capacidade de criação de vida como por sua capacidade de destruição ou braveza. Vemos para os Astecas Quesalcoal ou Quetzal-coatl “culebra emplumada, como dicen algunos historiadores [...] Dios del aire, representado bajo la forma de serpiente, emblema de los vientos y de los torbellinos”, deus do ar (ROBELO, 1544, p. 229), Ecacoate ou Eheca-coatl “culebra de viento [...] produce viento cuando anda, por la velocidad de su carrera” (ROBELO, 1544, p. 92), Ecatepec, deus do ar (ROBELO, 1544, p. 70), Ecacingo ou Eheca-tzinco, deus do vento (ROBELO, 1544, p. 298). Para os gregos:

Os ventos eram divindades inquietas e turbulentas, a custo guardados em cavernas profundas nas Ilhas Eólias. Além do rei e deus dos mesmos, Éolo, distinguiam-se quatro tipos de ventos: os do Norte (Aquilão e Bóreas); vento do Sul (Austro); vento da manhã e do Leste (Euro) e o da tarde e Oeste (Zéfiro) (BRANDÃO, 1986, p. 271).

Segundo o artigo intitulado “Mitologia e climatologia: um estudo das divindades relacionadas à ocorrência de tempo severo” (2012), de Daniel Henrique Candido e Luci Hidalgo Nunes, nos quatro cantos do mundo interpretaram-se ventos, tempestades e outros eventos climáticos como divindades: na cultura Albanesa, Perende, deus da tempestade; na cultura Árabe, Et Betel, Deus da tempestade; cultura Bijagó, Oraga, Deus da chuva e ventos; Eslava, Stribog, Deus dos ventos; Germânica, Donar, Deus das tempestades; Hindu, Indra, Deus do tempo, Maruts, Deuses das tempestades, Pavana, Deus do vento; Maia, Chaob, Deus dos ventos; Mesopotâmia, Im, Ishkur, Wer, Deuses das tempestades; Persa, Vata, Deus do vento; Toísta, Fujin, Haya-Ji, Shina-Tsu-Niko, Deuses dos ventos (CANDIDO e NUNES, 2012). Fizemos questão de citar esses deuses apenas para exemplificar que, em todo o mundo existem divindades que representam ventos e tempestades,

porém, há muitas outras divindades. Por mais que não carreguem o nome vento, deuses do tempo, do céu, da chuva, entre outros, tem suas intempéries relacionadas aos ventos e tempestades. Podemos sentir o vento em nossa pele, em nossos cabelos, mas não podemos segurar o vento em nossas mãos. Quando atribuímos ao vento a qualidade de divino podemos notar a tentativa humana de dominá-lo, porém, isso ainda não é possível. O máximo que conseguimos fazer é empurrar uma massa de ar, por exemplo, com um ventilador. Ou usarmos sua própria densidade para cruzar o céu, por exemplo, com um avião. Ou coletar sua energia através de hélices e turbinas. Mas podemos observar que, com essa divinização do elemento, há a tentativa de dominar, controlar ou negociar com o vento.

No arquipélago de Ilhabela não seria diferente. A professora Gioconda Mussolini coletou e registrou alguns pasquins para a edição de junho/agosto da *Revista do Arquivo Municipal CXXXIV (1950)* da cidade de São Paulo. Pasquins são como poemas que apresentam rimas e estruturas que são “tirados” de cabeça com a intenção de contar o cotidiano de maneira ligeiramente engraçada e/ou exagerada. Tirar um pasquim quer dizer lembrá-lo de cabeça e recitá-lo em prosódia regional, que é única, brincando com as palavras e suas entonações. Sendo assim, tirar um pasquim envolve transmissão de fatos do cotidiano via história oral, no sentido de que nem sempre é escrito, e sim memorizado, e poesia, considerando que há uma estrutura de criação de um caso que tem alguma relevância para comunidade e será transmitido. Mussolini compartilhou a respeito dos pasquins que escutou na praia do Bonete:

A respeito de pasquins escritos, informaram-me que “em outros lugares” se costumava “lançar em papel” e que aqueles que sabiam ler e escrever copiavam. [...] Também naquela zona não era costume escrever o pasquim, uma vez que até o próprio pasquinheiro era, no geral, analfabeto. Êle cantava nas “cirandas” quando tinha um novo pasquim. Cantava “de cabeça” e que o pessoal também guardava “de cabeça”. Isso não impedia que quando houvesse quem pudesse escrever e estivesse interessado, “pusesse em papel” o que o tirador cantava e depois passasse adiante (MUSSOLINI, 1950, p. 10 e 11).

Um dos pasquins registrados pela pesquisadora, intitulado *Pasquim do engenho ou do rodamonte (1950)*, de autoria de João da Cruz e Sebastião Reis, conta a história de uma grande tempestade que devastou uma fazenda. Segundo a história, a tempestade ocorreu porque Messia fez uma promessa a São Rufo para que devastasse o engenho Rodamonte que pertencia a Lilinho. Messia havia tentado comprar o engenho mas o dono não o vendia a ninguém. O documento diz que se acredita que “S.

Rufo seja o responsável pelos ventos e tormentas, pelo fato de ter caído um temporal, que ficou na memória do povo, no dia deste santo (27 de agosto)” (MUSSOLINI, 1950, p. 51). Vejamos o trecho:

(...)  
 O Messia feis promessa  
 Cum dô no seu coração  
 Que São Rufo lhe mandasse  
 Um dos maió tromentão,  
 Que quíria vê o engenho,  
 Estrondado contra o chão.

São Rufo então mando  
 A dizessete de abri  
 Um tromentão qui nem êsse  
 Neste mundo inda num vi.  
 A móde que foi mandado  
 Pro engenho destruí.

(...)  
 Bamo falá no engenho  
 Qu’inda nun se acabô  
 Que hoje se acha no chão  
 Que a tromenta derrubô.  
 Foi milagre de São Rufo  
 Quem com ele se apegô.

(MUSSOLINI, 1950, p. 51, 52)

Existem muitas histórias sobre o vento e naufrágios. O outro pasquim da mesma Revista do Arquivo municipal, intitulado *Pasquim do rosa (1950)*, autoria desconhecida diz:

Naquele ventão passado,  
 Naquele tempo que deu  
 O barco Rosa, do sul,  
 Nos borrifos pareceu  
 O pessoá lá dos Frade  
 De naufragado s’encheu. (...) (MUSSOLINI, 1950, p. 49).

Emilio Willems e Gioconda Mussolini, no trabalho realizado na ilha de Búzios, registraram o que

chamaram de “magia protetora” contra o vento. Segundo eles, “quando os ilhéus numa canoa estão ameaçados pelos ventos fortes, seus parentes próximos dizem as seguintes preces”:

Mais alta coroa de Nossa Senhora da Ajuda,  
De São Bom Jesus de Iguape  
Que é a coragem do vento.”  
Ou  
“Minha Santa Cruz Bendita  
Lá no céu fostes escrita,  
Por vosso milagre e vossa virtude  
Acalma este vento. (WILLEMS, 2003, p. 148).

Podemos ver nos dois trechos pedidos sendo feitos ao vento, assim como aos santos, sendo o vento o objeto do pedido. Segundo os caiçaras as preces deveriam ser “pronunciadas três vezes e o sinal da cruz deve ser feito com o polegar direito colocado contra o vento” (WILLEMS, 2003, p. 148). As preces podem ser entendidas como a tentativa de apaziguamento do sujeito.

O vento no arquipélago tem variações de direção e assim nomes diferentes são usados para destacar de qual vento se está falando. No livro intitulado *Direito das Comunidades Tradicionais Caiçaras (2016)*, organizado por Paulo Stanich Neto, o próprio autor destaca um “dicionário de caiçares” que foi publicado no Jornal Brisa de Ilhabela, com o intuito de salvaguardar o vocabulário próprio dos caiçaras. O dicionário foi elaborado por um pesquisador caiçara, Adriano Leite, que é nascido na comunidade tradicional do Sombrio, parte leste da principal ilha, Ilhabela (NETO, 2016, p. 32, 33, 34). Vejamos os nomes dados aos diferentes tipos de vento e suas atuações em palavras do cotidiano:

- Argania - que significa ventos fortes.
- Bocaina - o lugar onde se formam as tempestades.
- Bento do Padre - o vento Laís-sueste, rajadas fortes, perigoso nas velas.
- Ligado - é calmo, mar muito manso.
- Pano - é a vela fabricada pelo próprio pescador, com pano de algodão que embalava farinha.
- Prato de Aldo - é quando o mar está “liso”, sem ondas e sem ventos.
- Sudunga - é o vento forte vindo do sul.
- Terralão - é o vento forte que desce das altas montanhas.
- Tribuzana - é uma tempestade com ventos fortes e mar muito bravo, que cai de repente.

- Viração - é a mudança do tempo para pior.

O Bento do Padre, pode ser entendido como Vento do Padre. O próprio pesquisador explica que, no linguajar caiçara, troca-se o V pelo B (NETO, 2016, p. 31, 32). O Bento do Padre traz uma história que o explica:

O Laís-sueste, rajadas fortes, perigoso nas velas. Comentava-se que o padre acompanhava o casal de noivos para visitar a comunidade, a canoa virou com esse vento, é um vento que vem de todos os lados, apesar do vento ter levantado a batina do padre até o pescoço, a canoa virou e todos boiaram sem problemas. (NETO, 2016, p. 32)

Como já vimos, por mar bravo entende-se a presença do vento, sendo assim, a palavra *Ligado*, refere-se a presença pouco significativa de vento. Através dessas denominações do vento, fica nítida a interferência do elemento no arquipélago, tanto que se faz necessária uma nomeação mais específica para cada tipo de vento.

Outro ponto interessante em relação ao vocabulário é a trovoada, que, no caso, tem um sentido mais amplo do que o clarão seguido do ruído. Quem explica isso é um caiçara, chamado Seu Mazinho, ao contar um apuro que passou em alto mar. Seu Mazinho é outro caiçara entrevistado no *Projeto Registro da Tradição Oral no Arquipélago de Ilhabela (2007)*. Seu Mazinho nasceu em 1932, em Ilhabela e a história que conta sobre a trovoada aconteceu entre 1948/1949. Segundo ele, esse apuro que passou no mar aconteceu quando trabalhava em um barco sardinheiro. Sua função no barco era de “caiquêro”, ou seja, ele era responsável por ficar em uma canoa menor que era levada pelo barco largando a rede, cercando assim o cardume que seria puxado pela tripulação para dentro do barco pesqueiro. Uma técnica para cercar um cardume com duas embarcações. Estavam pescando na Ilha Grande, litoral sul do estado do Rio de Janeiro quando começou, em suas palavras, a “fuzilá”. Fuzilá quer dizer, no linguajar dos caiçaras da ilha, relampejar. Ele avisou seu superior, mas de nada adiantou, o barco seguiu e ele ficou. Então a trovoada atingiu Seu Mazinho, que só foi resgatado quatro horas depois. Segundo ele, o tempo mais feio que tem é trovoada! Porque sudoeste e la-sueste você sabe que aquilo é aquilo mesmo. Mas trovoada...” (SIMÕES, 2007, vol. 1, p. 66). Trovoada, nesse caso, “é todo um evento que envolve ventania, mar agitado, relâmpagos, trovões, chuva” (SIMÕES, 2007, vol. 1, p. 66). O entrevistador então pergunta:

P – Vem de todo lado, né?, se referindo a trovoada. Mazinho responde:

M – (...) ta feio, Lampreia, quando você pensa que ele vem aqui, ele vem por aqui. E

quando ele vem é pra matar.

P - Quem morre de trovoada se arrepende, né?

M – Ele vem pra matar!

P – Como é o ditado?

M – Quem morre de trovoada se arrepende.

[Risos]

M – Depois passa.. é quarenta minutos, no máximo; ou menos.

P – O pessoal chama de banzeiro. É isso mesmo?

(...)

M – Não. Trovoada é trovoada mesmo. Às vezes ameaça e cai fraca... e às vezes cai mais forte demais. Então, por isso que o cara disse assim ó: ontem ameaçou a trovoada, não deu nada. Hoje ameaçou, não vai dar também. Ai o nego foi e ó ela! (...) Eu tenho muito receio de trovoada, tenho mesmo! Eu sou pescador, to vendo a trovoada está rasgando eu..., entro nun cantinho, fundeio aqui, pára. A trovoada dá, chove, venta, pára; daqui a pouco você vai e o mar ta assim, ó... O mar pode estar ruim como for, deu a trovoada e choveu... a chuva amansa o mar fica que é isso aqui ó... Você trabalha tranquilo. O cara quer se agitar trabalhar com os panos e os trancos: é quando dança. (SIMÕES, 2007, p. 66, 67).

Fizemos questão de trazer o diálogo com Seu Mazinho, pois, aparecem muitos vestígios sobre o vento. O primeiro e talvez mais emblemático seja o fato de Seu Mazinho se referir ao vento como um sujeito. Quando Mazinho diz que ele vem por aqui, por ali e “ele vem para matar”, não está falando sobre a trovoada e sim sobre “o vento forte que agita o mar e traz chuva forte, a tempestade de curta duração e forte intensidade” (SIMÕES, 2007, p. 66). É como se o vento ameaçasse, intimidasse e tomasse uma decisão sobre um momento de fúria, quando não se sente respeitado. Há, de certa maneira, a antropomorfização do vento, ou seja, a atribuição de qualidades humanas ao vento, no caso, as capacidades de decisão e ação. Outro ponto interessante é que Seu Mazinho aprendeu a ler as condições do tempo e entender que não há negociação.

Seu Mazinho comenta que se ele “soubesse nadar, teria morrido” (SIMÕES, 2007, p. 65). Um pescador que não sabe nadar. De certa maneira, podemos entender que Seu Mazinho confia tanto no seu saber, previsões de tempo, observação profunda da natureza, domínio da navegação, conhecimento do território, que vive no mar, ou pelo menos convive com o mar, e não sabe nadar. No mínimo, tem que ter muita confiança no que faz. Essa confiança também pode ser entendida como um respeito profundo pelo planeta. Ao considerar o vento como sujeito, ele o entende como hierarquicamente superior, como sujeito que é capaz, inclusive, de decidir sobre a vida e morte. Esse respeito pelas forças naturais diz respeito à relação das comunidades com o território onde

vivem, assim como por compreenderem que existem momentos em que não é possível dominar a natureza. O respeito às normas do planeta também se manifesta na religiosidade de Mazinho. De religião católica, Seu Mazinho diz que a festa de São Pedro, padroeiro dos pescadores, acontece na ilha desde que se entende por gente e que não pode acabar. Na continuação da conversa, Seu Mazinho explica que a festa ocorre em diversos bairros e ilhas do arquipélago (SIMÕES, 2007, p. 79, 80, 81 e 82). Essa devoção tem como pano de fundo o respeito pelo planeta, considerando que esse pedido de guarda e proteção aos pescadores diz respeito às condições, diversas, enfrentadas no mar. Segundo Candido e Nunes:

diversas culturas antigas apresentam divindades responsáveis pelas manifestações da natureza, o que se relaciona, de acordo com a antropologia cultural ou social, ao desejo do ser humano conhecer sua origem, identidade e ambiente, sendo também um elemento caracterizador dos grupos de acordo com as relações especiais que eles estabelecem com o meio [...] mesmo as principais religiões incorporaram inúmeros fenômenos atmosféricos em seus sistemas de crenças, em uma tentativa de busca da compreensão das causalidades das intempéries, sendo o dilúvio, provavelmente, o mais recorrente (CANDIDO e NUNES, 2012, p. 42).

As festas tradicionais, para padroeiros e padroeiras, como a procissão de São Pedro, ou a festa de Santa Verônica, a Festa dos Navegantes, relacionada a Nossa Senhora D’Ajuda e Bom Sucesso, de São Benedito, a Folia de Reis, entre outras, fazem parte do calendário cultural e religioso do Arquipélago. A procissão para São Pedro a princípio acontece porque o santo é o padroeiro dos pescadores. A festa acontece no final do mês de junho, normalmente no dia 29. A imagem de São Pedro deixa a igreja matriz, já em procissão, e vai para a colônia dos pescadores. Na colônia, é realizada a missa campal e a imagem parte para o píer “acompanhada pelo Pároco local e pelo Coro da igreja entoando o hino a São Pedro” (CIDADE e CULTURA). No píer, embarcam a imagem que sai em procissão marítima, acompanhada por vários barcos, entre eles botes, bateiras e lanchas, todos enfeitados com fitas e bandeiras coloridas. Após o retorno, começa um calendário festivo realizado pela prefeitura de Ilhabela. Com esse exemplo, podemos compreender como, ao adotar uma visão antropocêntrica da história, esquecemos de observar processos intrínsecos ao planeta. Essa demonstração de respeito pelo mar, de certa maneira, também diz respeito ao vento. Em 2019, o então secretário de cultura e professor, Adalberto Henrique da Silva Lopes, destacou:

A relação com o mar do povo caiçara é tão intrínseca e, com São Pedro, tão profunda, que há um bairro no município que recebe esse nome, além da mais bela manifestação marítima, uma procissão em homenagem ao santo padroeiro dos

pescadores (PREFEITURA DE ILHABELA, 2019).

Porém, ao entender que essas diferentes condições “do mar” não envolvem somente o mar, compreendemos que o vento também faz parte do já citado termo “mar bravo”, ou “mar grosso”. Assim, podemos compreender a procissão como uma tentativa de convênio com o inegociável, que, no caso, é o vento. É muito comum a aparição do termo “mar grosso” nos documentos. Esse termo é resultado da observação das condições do tempo no arquipélago, pois, a qualquer momento pode haver uma mudança no mar e essa mudança tem relação direta com o vento. Por exemplo, uma parteira de 76 anos da comunidade do Bonete, localizada na parte sul da cidade de Ilhabela, diz:

(...) oh, **quando o mar engrossa...** porque o mar não fica só assim não, quando vira, **aquele chapéu de sol vira tudo pra cima.** (...) É, vira pra cá o **mar grosso em tempo ruim**, cachoeira cheia, minha filha, é o mesmo que estar numa prisão aqui. **Ninguém sai, ninguém entra.** (MERLO, 2000, p. 90, grifo nosso).

Nessa passagem, vemos a ação direta do vento. Quando a parteira fala sobre a árvore conhecida como chapéu de sol, podemos imaginar e visualizar a ventania que faz parte do “mar grosso”. Ou seja, o vento é um sinal de que as condições do mar vão piorar. O habitante está habituado à alteração do tempo porque isso significa uma mudança direta na sua rotina. Entre as memórias recolhidas por Merlo, outra parteira explica porque aprendeu a fazer partos. Segundo a nativa de 66 anos, a mãe morreu dentro da canoa quando foi levada para dar à luz. A parteira atribui a Deus a vida e a morte:

no **mar grosso** não dava pra gente sair, alguém morria e algum revivia quando Deus tinha pena. (...) Agora também o nosso lugar... está bom, mas bom mesmo ainda não está, porque quando o mar tá grosso não dá pra gente sair; as vezes, quebra canoa aí na praia, afunda... Você não viu ontem? A canoa virou e quase que morre gente daqui; então o lugar é muito difícil da gente viver. (MERLO, 2000, p. 96 grifo nosso).

A parteira compreende que Deus determina a vida e morte na condição de “mar grosso”. Novamente temos como pano de fundo a atuação do vento interferindo e sendo determinante no cotidiano das comunidades. Há, assim, um entrelaçamento entre a religião e o vento em Ilhabela, manifestado tanto no sentido coletivo, considerando datas comemorativas, quanto uma noção individual, considerando os relatos de Seu Mazinho e das parteiras boneteiras.

## 1.6 O vento e a alteração na arquitetura para os caiçaras.

Pesquisas interessantes mostram a influência do vento na construção das casas, assim como na noção urbanística das comunidades caiçaras. O Professor catedrático de Geografia da Universidade de São Paulo, Ary França, visitou Ilhabela, na época chamada de Ilha de São Sebastião, em um tempo em que ainda se fazia parte do percurso a cavalo (LEMOS e MOURÃO, 2005, p. 48). Em sua tese de concurso com que obteve a cátedra de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, em dezembro de 1951, escreveu:

Não há extensão plana despovoada, mesmo na mais agitada linha dos costões voltados para o mar alto. Se, nas praias particularmente castigadas pelas ondas ou por ventos incômodos, como as do sul e de leste, as habitações, à primeira vista, não aparecem para quem desembarca — encobertas que estão pelo arvoredo, pelas pequenas dunas de areia, ou refugiadas em um canto mais protegido (v. foto 1) (FRANÇA, 1952, p.33).

Na foto 1 está a comunidade do Bonete em 1951, e em seu rodapé:

Foto n.º 1— Aspecto da praia do Bonete (costão sul da Ilha). As habitações, os ranchos para canoas e mesmo as embarcações que peneiram pela barra do Ribeirão Bonete (parto inferior da fotografia) acham-se cuidadosamente protegidos dos ventos oceânicos pelas árvores e pela linha de dunas que se erguem junto à praia. — (Foto aérea do autor, em junho de 1951) (FRANÇA, 1952, p.34).



Fotografia 1. Comunidade do Bonete em Ilhabela, São Paulo. Replicada por nós. (FRANÇA, 1952, P.34).

Na sequência, França diz que “não há, nos 7,3 km<sup>2</sup> das aluviões planas da Ilha de São Sebastião espaço algum que não tenha sido modificado por humanos. Cada uma das diminutas unidades locais, denominadas praias ou barras, abrigou gerações de agricultores e pescadores” (FRANÇA, 1952, p.34). França estava preocupado em compreender e registrar a formação paisagística da ilha. Compreendia que um dos motivos dos agrupamentos estarem localizados mais adentro das praias provinha da necessidade de se abrigar das condições de tempos severos.

Assim como para França, Cristina Adams entende que fatores geográficos influenciaram na “variedade de densidades de população entre os grupos litorâneos, servindo ora como elemento de atração para a fixação do homem, ora como elemento de repulsão” (ADAMS, 2000, p.148). Apoiada na literatura de França, Adams diz que, em meados do século XX, o povoado caiçara era desordenado, com “casas isoladas umas das outras, escondidas entre a folhagem e protegidas do vento pela vegetação da orla da praia” (ADAMS, 2000, p. 150). No artigo intitulado “Casas de mãos e barro: a arquitetura caiçara de São Sebastião” (2010), Clayton Galdino, apesar de estar escrevendo sobre a cidade de São Sebastião, não descreve apenas as construções da cidade. Cita “como exemplos os núcleos urbanos localizados nas praias isoladas do arquipélago de Ilhabela como o Saco do Sombrio, Guanxuma, Búzios, dentre outros” (GALDINO, 2010, p.92). Segundo o autor, “as condições geográficas e econômicas” condicionaram aspectos arquitetônicos nas construções caiçaras (GALDINO, 2010, p.85). Para Galdino, “a ocupação do espaço dividia-se entre os ranchos de pesca a beira-mar, as casas aglomeradas nas vilas e o sertão” (GALDINO, 2010, p.82). Observamos que há uma convergência entre os pesquisadores quanto à forma em que as comunidades se assentam organicamente, ou seja, considerando as particularidades naturais do território.

Segundo a pesquisa *O saber e fazer da comunidade tradicional caiçara da praia do Bonete na Ilhabela (2009)*, de Sílvia Moreira, esse saber orgânico arquitetônico leva em consideração a presença do vento em sua feitura. O trabalho de Moreira tem como objetivo descrever a sobrevivência e transcendência das manifestações do cotidiano e da cultura da população local (MOREIRA, 2010, p.8). Moreira entrevistou o senhor H.S., boneteiro de 59 anos, que foi Presidente da Associação de Bairro do Bonete e naquele momento era o representante da Prefeitura de Ilhabela no bairro. O senhor H.S. explicou a Moreira como era dividido o bairro no Bonete, no momento da entrevista. Segundo ele, antigamente, as casas, no Bonete, eram construídas de

pau-a-pique, uma técnica de construção em que a estrutura das paredes é formada por estacas, ou tiras, de madeiras entrelaçadas, em forma quadriculada, e depois rebocadas com barro por dentro e por fora. H.S. explicou à pesquisadora como as casas de pau-a-pique eram construídas no Bonete:

H.S. – Não, antigamente, as casas daqui do Bonete, nos anos cinquenta, quarenta, né, eu nasci no ano cinquenta, era tudo de pau-a-pique, era de barro, então, por causa disso, que **faziam a porta na lateral, não de frente, por causa do vento**, né, e era tudo mais frágil do que hoje em dia, hoje em dia, tudo de alvenaria, de bloco, cimento, então, agora, não, agora tudo foi modificado, e as casas de frente da praia, lógico, são tudo de frente para a praia, né (MOREIRA, 2010, p.81, grifo nosso).



Fotografia 2. Casa de pau-a-pique no Bonete em Ilhabela, São Paulo. Replicada por nós. (MOREIRA, 2010, p.81).

Além de ressaltar a participação do vento na arquitetura das casas tradicionais caiçaras, H.S., revela notar diferenças na paisagem. Segundo Chirstian Deni Rocha e Silva, no trabalho *Cidade e Natureza: mercado imobiliário, turismo e desenvolvimento urbano em Ilhabela (2009)*, até a metade dos anos 1950, quando o turismo não era, ainda, a base da economia de Ilhabela, “havia uma relação direta entre as formas de ocupação do território e os modos de vida – bem como entre estes e as próprias construções” (SILVA, 2009, p.23, 24). Silva diz que, após a ligação entre o arquipélago e o continente, via balsa, assim como a construção da malha viária, abrem-se novas formas de ocupação do território, especialmente a partir do momento em que migrantes e veranistas começam a ocupar o arquipélago. O pesquisador entende que, existindo essa nova ocupação, além da “importação de materiais de construção, houve também a importação de técnicas e de mão de

obra, que inevitavelmente implicou uma arquitetura completamente diferente daquela praticada por caiçaras” (SILVA, 2009, p.24). Isso também é revelado pelo senhor H.S., quando diz que as casas de agora ficam de frente para o mar. Segundo Silva, esse problema foi detalhado no Plano Gestor de Turismo, dizendo que “não há um interesse coletivo nas questões arquitetônicas e paisagísticas consoantes com as vocações naturais e turísticas do município” (ILHABELA, 2005 apud SILVA, 2009, p.25). O autor também destaca a existência de construções irregulares, que “desrespeitam as leis do município”, prejudicando a apreciação da orla, da paisagem natural do município e “levam a alterações importantes da paisagem natural” (SILVA, 2009, p.25 e 26). De maneira geral, entendemos que, até os anos 1960, 1970, o vento influenciou a arquitetura tradicional no arquipélago, preservando morros, encostas, praias e a paisagem. A partir do momento em que se ampliam as técnicas de construção e o número de veranistas aumenta, perde-se em paisagem e conservação do meio ambiente.

## 2. O VENTO E O TURISMO

Para entender a relação entre vento e turismo, é necessário entender, antes, a expansão urbana sobre territórios naturais ainda virgens. No presente trabalho, optamos por não recuar nosso recorte para qualquer período anterior ao século XX. Sendo assim, apontaremos aqui um breve histórico do avanço urbano sobre o litoral do estado de São Paulo no decorrer do século XX.

Segundo a Professora Simone Scifoni, em sua tese *A construção do patrimônio natural (2006)*, o patrimônio natural no estado de São Paulo conta com 37 áreas naturais reconhecidas, e esse reconhecimento se dá por intermédio da Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico Artístico e Turístico do Estado), órgão vinculado à Secretaria de Estado da Cultura (SCIFONI, 2006, p.104). “A criação do Condephaat, em 1969, no auge do período repressivo, só foi possível pelas mãos destes setores da burguesia, empenhados em afirmar uma identidade paulista bandeirante” (SCIFONI, 2006, p.130). Scifoni se refere aos setores da elite, em um contexto de ditadura política extremamente conservadora. Aqui não discutiremos critérios de tombamento ou tratamento conceitual e metodológico utilizado para a definição dos patrimônios, por fugirem aos nossos propósitos. Nesta seção, faremos apenas um panorama sobre veraneio, criação e tombamentos de parques. Posteriormente, discutiremos a relação entre vento e turismo.

Segundo Scifoni, citando o filósofo francês Henri Lefebvre, “a expansão do tecido urbano diz respeito mais às relações, é quando o urbano se estende, lança seu domínio sobre outros espaços, assume o controle das formas de produção desses espaços” (SCIFONI, 2006, p.176). Scifoni, nesse trecho, discorre sobre o tombamento da Serra do Mar e a produção do urbano no litoral norte paulista. Seguindo essa lógica, Scifoni entende que o tombamento da Serra do Mar acontece quando o litoral norte é anexado à divisão espacial do trabalho da região metropolitana com a função de se constituir como um espaço de lazer “especialmente voltado para as atividades de veraneio” (SCIFONI, 2006, p.175). Porém, as atividades de veraneio no litoral paulista já aconteciam antes da criação dos parques estaduais, em Santos, “voltado às camadas de alta renda” (SCIFONI, 2006, p.193). Scifoni destaca que a formação dessa zona de veraneio da elite, no litoral, “se fez por meio de um fenômeno de deslocamento espacial desta”, sendo entendido esse deslocamento pela necessidade de exclusividade e autosegregação de classe da elite paulistana (SCIFONI, 2006, p.193, 194). A partir dos anos 1930, já havia um deslocamento da “zona de veraneio da elite”, saindo de Santos e se deslocando para o Guarujá, após a abertura da Rodovia Anchieta junto da

expansão urbana (SCIFONI, 2006, p.194).

“Em 1969, estava em vigor o decreto-lei complementar nº. 2, que determinava a proteção de uma faixa de 4 km paralela à orla marítima e das ilhas do litoral paulista, consideradas como zona de interesse turístico estadual” (SCIFONI, 2006, p.177). A criação do Parque Estadual da Serra do Mar e do Parque Estadual de Ilhabela, aconteceu em 1977 (GUIA de ÁREAS PROTEGIDAS). O tombamento da Serra do Mar ocorreu em 1985, no estado de São Paulo, e “é a primeira vez que se dá tratamento conjunto ao sistema florestal costeiro em uma unidade federativa”. Em 1986, “o Paraná formaliza o tombamento da Serra em todo o seu território” (RESERVA da BIOSFERA da MATA ATLÂNTICA).

Scifoni destaca que 44% dos tombamentos de patrimônio natural, no estado de São Paulo, aconteceram através de pedidos feitos através da sociedade civil, 25% através de processos realizados internamente pelo órgão, Condephaat, e 22% através do poder público (SCIFONI, 2006, p. 115, 116):

No primeiro caso, essa atuação deve ser entendida como parte do fenômeno de ampliação do movimento ambientalista que começou a surgir no Brasil em 1970 e se estendeu na década seguinte. As nascentes organizações ambientalistas vislumbravam no tombamento um instrumento para a proteção de áreas naturais. Assim, desde 1970 encontramos uma série de pedidos formulados por essas: dos 24 pedidos de tombamento de áreas naturais nos anos 1970, seis partiram dessas organizações da sociedade civil (SCIFONI, 2006, p.117).

Entre os anos 1970 e 1980 houve um crescimento significativo no setor imobiliário no litoral norte. Mais especificamente, em Ilhabela, a “evolução da taxa é de crescimento do número de domicílios particulares de uso ocasional, de 1970 até 2000” (SCIFONI, 2006, p.203) é significativa. Como é possível identificar na tabela.

<b>Município de Ilhabela</b>	<b>Taxa de crescimento do número de domicílios particulares de uso ocasional</b>
------------------------------	--

De 1970 a 1980	110%
De 1980 a 1991	169%
De 1991 a 2000	67%

Tabela 3: evolução da taxa de crescimento do número de domicílios particulares de uso ocasional, de 1970 até 2000.

Fonte: (SCIFONI, 2006, p. 206). Organizado por: Acauã Allende.

Scifoni também apresenta o crescimento populacional no município de Ilhabela de 1950 a 2002 (SCIFONI, 2006, p. 203).

<b>Aumento populacional no município de Ilhabela de 1950 - 2002</b>	
<b>Anos</b>	<b>População</b>
1950	5.066
1960	9.697
1970	5.436
1980	7.743
1990	12.797
2000	20.752
2002	22.470

Tabela 4: Aumento populacional no município de Ilhabela, de 1950 até 2002. Fonte: (SCIFONI, 2006, p. 203).

Organizado por: Acauã Allende.

A pesquisadora entende que, a partir dos anos 1980, há o “boom do veraneio no litoral norte”, compreendendo que isso só foi possível devido às condições criadas pelo Estado (SCIFONI, 2006, p.205, 207) – ou seja, tanto pela criação dos parques estaduais como pela ampliação das rodovias e melhoria nos acessos. Temos, então, um breve histórico sobre o crescimento do turismo no litoral de São Paulo. Agora iremos entender como o arquipélago de Ilhabela incorpora o vento em seu calendário turístico com o passar do tempo.

A Semana de Internacional Vela de Ilhabela, SIVI, é um evento tradicional de Ilhabela, que acontece no “mês de julho impactando positivamente no turismo de Ilhabela, com alta demanda da infraestrutura turística entre hotéis, pousadas e restaurantes” (ILHABELA, 2023). Segundo o Instagram oficial da SIVI, o primeiro evento realizado ocorreu em 1969 (SIVI, 2019). Até o presente momento, o site oficial do evento não disponibiliza uma aba contando sua história. Porém,

a aba destacada, intitulada "História", no Instagram oficial do evento, diz que “depois da 1º edição em 69, o evento só teve continuidade em 74” e no período de 1974 a 1980, a Semana de Vela foi um evento destinado a monotipos, “com a participação das classes Optimist, Pinguin, Snipe e Hobie Cat” (SIVI, 2019). Somente na década de 1980, o evento introduziu a classe Oceano, que, naquele ano, contou “com apenas 11 veleiros inscritos numa só classe”. Já no ano de 1988, o número de inscritos saltou para 90, já com a classe Oceano dividida em IOR e RHC (SIVI, 2019). As classes, dentro do iatismo, dizem respeito ao tamanho da embarcação, projetos de embarcação, tipo de vela, número de tripulantes, número de cascos, regras da prova, e etc. Para melhor exemplificação, segue o quadro:

<b>Classes convidadas na 50º edição da Semana Internacional de Vela de Ilhabela.</b>	<b>Descrição das Classes</b>
<b>BICO DE PROA</b>	Divisão formada por veleiros de oceano, elegíveis pela Comissão Técnica, que não utilizam nenhuma regra de handicap.
<b>C 30</b>	Classe One Design criada com veleiros de 30 pés projetados pelo experiente e renomado velejador e projetista Horácio Carabelli.
<b>CLÁSSICOS</b>	Subdivisão especial da RGS para barcos certificados pela ABVClass e sem velas produzidas com material exótico.
<b>HPE 25</b>	Os barcos dessa classe, de projeto do argentino Javier Soto Acebal, formam uma classe nacional de produção em série.
<b>VPRS</b>	A classe existe desde 2010, no Reino Unido. VPRS é um sistema de ratings moderno que usa um software de previsão de velocidade (VPP) e um conjunto não muito grande de medições do casco e velas, para obter uma avaliação científica do desempenho do veleiro.

<b>Classes convidadas na 50ª edição da Semana Internacional de Vela de Ilhabela.</b>	<b>Descrição das Classes</b>
<b>MULTICASCO</b>	São veleiros de dois ou mais cascos em paralelo, como os famosos catamarãs e trimarãs.
<b>ORC</b>	Regra internacional do Offshore Racing Committee destinada a barcos com configurações de competição, de tipos e tamanhos diferentes.
<b>RGS</b>	A Regra Geral Simplificada é uma regra nacional caracterizada pela massiva presença de vários barcos com perfil predominante de cruzeiro.

Quadro nº1: Classes convidadas na 50ª edição da Semana Internacional de Vela de Ilhabela. Fonte: Site oficial da Semana Internacional de Vela de Ilhabela (SIVI). Organizado por: Acauã Allende.

A jornalista Bruna Sales, na matéria intitulada “História da Rolex Ilhabela Sailing Week” (2001), aponta que, antes do início da competição, na década de 1950, houve um movimento de velejadores da elite paulistana em “direção ao litoral norte paulista na busca por novos locais para a prática esportiva” (SALES, 2001). Segundo Sales, esse grupo enfrentava grande dificuldade de acesso a Ilhabela. Por isso, decidiu fundar o Yacht Club de Ilhabela, que viria a sediar aquele que se tornaria o maior evento de vela da América Latina, com apoio da Prefeitura da cidade e de outras entidades náuticas (SALES, 2001). Para se tornar sócio do Yacht Club de Ilhabela, há duas maneiras: adquirir o título de sócio, cujo valor é 74.789,00 mil reais; comprar o título de um associado que esteja vendendo, cujo valor é de 26.653,00 mil reais (YACHT CLUBE ILHABELA, 2023). Isso nos revela características do público frequentador da SIVI. Também podemos ver os participantes do evento através das redes sociais do evento, já citadas nesse trabalho, onde há registros tanto dos velejadores consagrados e artistas renomados como dos caixaras inseridos no universo do iatismo, que fazem parte das tripulações ou do evento.

O bicampeão olímpico Robert Scheidt destacou a importância da SIVI. O atleta participa do evento desde a década de 1980. Segundo Scheidt, “é o evento mais importante de vela oceânica da América Latina, sem dúvida nenhuma. É tradicional e muito importante, pois junta toda a

comunidade da vela brasileira, sul-americana e mundial” (LANCE, 2023). A SIVI também promove ações de promoção do esporte nas escolas por meio do projeto Vela nas Escolas. A ação é uma iniciativa da SIVI com a prefeitura de Ilhabela que busca aproximar as crianças do município com o iatismo. Outra ação é a Regata do Amanhã, em que escolas públicas, de São Paulo e do Rio de Janeiro, disputam a regata a bordo de “grandes veleiros” e participam de palestras educativas. O evento realiza a distribuição de sacos biodegradáveis para os velejadores, que são recolhidos e dispensados de maneira correta com as empresas responsáveis pelo descarte em Ilhabela. Promovem o projeto Box do Bem, onde os “velejadores podem doar suas roupas de tempo antigas para profissionais da ilha que vivem e trabalham no mar, como pescadores, mecânicos e outros”. Também fazem distribuição de cestas básicas (SIVI, 2023).

Entendemos que toda essa cadeia que engloba a SIVI está em relação direta com nosso agente histórico, o vento. E, isso só é possível pela presença e atuação do vento que está diretamente ligada à geografia do arquipélago. A equipe da BL3, uma das diversas escolas de iatismo de Ilhabela, explica que “as formações montanhosas de São Sebastião com as de Ilhabela formam um corredor de ventos constantes durante o ano todo no canal”. Esse seria um dos fatores que fazem com que Ilhabela seja um ótimo lugar para esportes com vela (STEFANI, 2016). Outro ponto interessante é que o sistema de correntes marítimas existente, no canal de São Sebastião, do qual o vento também faz parte, é considerado um dos melhores para prática de esportes com vela, proporcionando “várias opções de ‘raias’ para os velejadores, formadas de acordo com a direção dos ventos” (NOTÍCIAS DAS PRAIAS, 2023).

Segundo o censo do IBGE, de 2020, Ilhabela ocupa o 7º lugar no ranking das cidades com maiores rendas per capita do Brasil, de 302.099,40 mil reais, sendo a 4ª maior do estado de São Paulo (IBGE, 2020). Segundo o artigo intitulado “Desenvolvimento Social e Econômico: impactos do turismo no município de Ilhabela/SP” (2019), de 2008 a 2016, os setores que mais geraram empregos são os de serviços e comércio e assim entende-se “que o turismo é o setor que gera mais empregos no município. As demais atividades têm pouca contribuição” (VIEIRA et. al, 2019, p.161). A importância do turismo em Ilhabela, hoje, deve ser destacada para que possamos entender melhor a composição do calendário turístico do arquipélago e assim analisar a presença do vento nos eventos oficiais da cidade.

Das 54 datas destinadas à realização de eventos no arquipélago, 29 (em negrito no seguinte quadro) têm relação direta com o vento, ou seja, mais da metade. Se pensarmos a relação da pesca com o

vento, como ressaltado por Dona Licinha (ver p. 25), por exemplo, com o Festival da Tainha em junho, esse número sobe. Se atentarmos para a relação indireta com o vento, demonstrada pela dificuldade de realização de atividades em tempos severos, como no caso de esportes ao ar livre que não envolvem o mar, esse número sobe ainda mais. Para a compreensão do calendário oficial turístico do arquipélago, vamos analisar o calendário da prefeitura de Ilhabela do ano de 2023:

<b>CALENDÁRIO DE EVENTOS DE ILHABELA 2023</b>		
<b>DATA</b>	<b>EVENTO</b>	<b>RELAÇÃO COM O VENTO</b>
<b>FEVEREIRO</b>		
2 a 5	Festa da padroeira	Não
10 a 12 e 17 a 21	O maior carnaval do litoral norte	Não
12	Ecomanrun	Não
20/01 a 20/02	Festival de Verão	Não
<b>MARÇO</b>		
4 a 11	<b>Seletiva brasileira de Optmist</b>	Sim
10 a 12	<b>Aloha Spirit – Alcatrazes – Praia do Perequê</b>	Sim
17 a 19	<b>Festival KMF – Festival de esportes outdoor, envolve canoagem e stand up paddle</b>	Sim
26	<b>Maratona aquática – 2º etapa paulista, natação de travessia</b>	Sim
31/03 a 02/04	<b>Festival da Lula e Circuito Ilhabela de Vela Oceânica – Copa Mitsubishi</b>	Sim
<b>MAIO</b>		
1	Festa do trabalhador	Não

<b>CALENDÁRIO DE EVENTOS DE ILHABELA 2023</b>		
<b>DATA</b>	<b>EVENTO</b>	<b>RELAÇÃO COM O VENTO</b>
7	<b>Etapa circuito mares – Natação marítima</b>	Sim
12 a 14	<b>Xterra – Perequê, evento que envolve Triathlon</b>	Sim
18 a 21	Semana da cultura caiçara	Não
26 a 28	Festival da Sardinha – Torneio de Jiu-Jitsu – Etapa circuito futvôlei – Liga de futsal masculino – Festival vôlei de praia base – <b>Circuito Ilhabela de Vela Oceânica – Copa Mitsubishi</b>	Sim
<b>JUNHO</b>		
1	<b>Abertura da temporada de baleias e golfinhos</b>	Sim
2 a 4	Festival de cinema de Ilhabela	Não
3	<b>Regata festiva meio ambiente</b>	Sim
8 a 11	<b>Evento vela show (Feira náutica)</b>	Sim
9	<b>Regata Ubatuba – Ilhabela de oceânicos</b>	Sim
23 a 25	Festa das tradições nordestinas	Não
30/06 a 02/07	Festival da Tainha – <b>Circuito Ilhabela de Vela Oceânica – Copa</b>	Sim

<b>CALENDÁRIO DE EVENTOS DE ILHABELA 2023</b>		
<b>DATA</b>	<b>EVENTO</b>	<b>RELAÇÃO COM O VENTO</b>
	<b>Mitsubishi</b>	
<b>JULHO</b>		
8 e 9	<b>Festa do Bonete</b>	Não (indireta)
8	Festival de fanfarras	Não
14 a 16	<b>50ª Semana de monotipos - EVI</b>	Sim
14 a 29	<b>Race Village – Evento da SIVI</b>	Sim
15 e 16	Mostra de dança FUNDACI	Não
22 a 29	<b>50ª Semana Internacional de Vela de Ilhabela – Festival Vermelhos 2023</b>	Sim
<b>AGOSTO</b>		
3/08 a 10/09	Festival do camarão	Sim
3 a 6 e 10 a 13	Boteco do camarão – 3º Etapa circuito futvôlei – Torneio beach tennis – <b>Etapa de ranking – Campeonato de Optimist – Regata do camarão - Crossfit</b>	Sim
<b>SETEMBRO</b>		
2 a 10	Aniversário da cidade	Não
16	Revezamento KTR	Não
18 a 24	<b>Ilhabela Bird Week</b>	Sim
22 a 24	Festival de balé dança e movimento	Não
23 e 24	<b>Ranking EVI – etapa –</b>	Sim

<b>CALENDÁRIO DE EVENTOS DE ILHABELA 2023</b>		
<b>DATA</b>	<b>EVENTO</b>	<b>RELAÇÃO COM O VENTO</b>
	<b>Marcio dos Reis Oliveira</b>	
24	<b>2º Etapa circuito mares</b>	Sim
29/09 a 01/10	Flashback – Festival de música	Não
<b>OUTUBRO</b>		
6 a 8	Festival da banana	Não
12	Festa das crianças	Não
12 a 15	Festa da padroeira do Brasil	Não
18 a 22	FLAI: Feira literária do Arquipélago de Ilhabela	Não
22	<b>Xterra – etapa mundial, envolve Triathlon</b>	Sim
9 a 14	<b>10º Copa Brasil de vela / Brasileiro de classes olímpicas – EVI – Circuito Ilhabela de Vela Oceânica – Copa Mitsubishi – 4º Etapa circuito futvôlei – Campeonato paulista da classe oceano /Copa Mitsubishi</b>	Sim
<b>NOVEMBRO</b>		
11	KTR Corrida de montanha	Não
12	<b>Travessia do canal de Ilhabela - natação</b>	Sim
18 a 20	Dia da consciência negra	Não
25	Abertura do natal	Não

<b>CALENDÁRIO DE EVENTOS DE ILHABELA 2023</b>		
<b>DATA</b>	<b>EVENTO</b>	<b>RELAÇÃO COM O VENTO</b>
	iluminado	
25	<b>Travessia Caraguá/Ilhabela, natação de travessia</b>	Sim
25/11 a 6/01 de 2024	Natal iluminado	Não
26	Última etapa paulista de maratonas/sulamericano – <b>Campeonato EVI da classe Optimist – Circuito Ilhabela de vela Oceânica – Copa Mitsubishi volta a ilha</b> – Etapa prime de hidrofoil - encerramento	Sim
<b>DEZEMBRO</b>		
1 a 3	Dia do Samba	Não
1	<b>Abertura da temporada de mergulho</b>	Sim
9	<b>Regata do marinheiro – cerimônia de encerramento ano letivo EVI</b>	Sim
29 e 30	Virada cultural	Não
31	Reveillon – <b>Copa Brasil de canoagem (SURFSKY) – Circuito Ilhabela de vela Oceânica – Copa Mitsubishi – Volta ilha de canoa havaiana – Rei da ilha vive</b>	Sim

Quadro nº 2: Calendário de eventos de Ilhabela 2023. Fonte: Site oficial da prefeitura de Ilhabela (Ilhabela, 2023). **EVI: Escola Municipal de Vela de Ilhabela.** Organizado por: Acauã Allende.

A partir da leitura e interpretação do quadro, podemos argumentar que o vento se tornou e é hoje um dos principais atrativos turísticos de Ilhabela. Esses são apenas os eventos oficiais da cidade, ou seja, que contam com a participação da prefeitura da cidade para sua organização ou realização. A cidade ainda conta com profissionais do ramo marítimo: mestres e marinheiros; escola municipal (EVI) e escolas particulares (BL3, Sailing Adventures, Pé na Areia, Clauberto Andrade Vela Oceânica, escolas particulares de vela, entre outras); professores particulares relacionados às diferentes modalidades de esportes com vela, como por exemplo, kitesurf, Windsurf, ou esportes que têm relação indireta com o vento, como natação e canoagem. A cidade também dispõe de diversas marinas, *yacht clubs*, estaleiros e empresas que oferecem serviços de turismo de navegação, mergulho, confecção e conserto de embarcações, produção e conserto de vela e etc., os quais também movimentam o turismo e atividades econômicas do arquipélago no decorrer do ano.

Como vimos anteriormente, até os anos 1960, a economia do Arquipélago de Ilhabela era pautada, basicamente, na pesca e na agricultura, assim como na articulação da venda dos excedentes com outras cidades, e, em menor escala, o turismo. Com a abertura das rodovias, a melhora do acesso rodoviário, a criação da travessia via balsa (*ferry boat*), em 1958 (PEIXOTO, 2017), e a expansão do turismo para o litoral norte de São Paulo, a cidade passa por uma transição econômica, em que os serviços relacionados ao turismo vão crescendo e se tornando o principal setor econômico do arquipélago.

A partir do momento em que a presença e atuação do vento começam a ser utilizadas para fins econômicos, acabam por interferir no campo trabalhista do arquipélago. O próprio calendário de eventos da cidade nos mostra que o turismo pensado para a cidade é fortemente influenciado pelo vento a partir dos anos 1980. Neste contexto, os setores de comércio e serviços foram os que mais cresceram e os que mais geram empregos (VIEIRA, 2019). Também ressaltamos que essa mudança na configuração do território denominado Litoral Norte está ligada à política de tombamentos, que, por um lado, foi “instituída para fazer frente à expansão da urbanização do litoral”, e, por outro lado, está ligada à “reprodução do papel que o litoral norte desempenha na divisão espacial do trabalho da metrópole paulista, o de zona de veraneio de determinados segmentos sociais” (SCIFONI, 2006 p.271).

Independente do modelo econômico adotado pelo arquipélago, podemos notar o vento como um sujeito de grande influência. Tão grande a sua importância que conseguimos reescrever a história local tendo como referência esse sujeito. O arquipélago é privilegiado, geograficamente, pela presença do vento, podendo o vento ser entendido como um modificador cultural e social. Essa modificação pode ser notada com a inserção de determinados eventos locais, agora amplamente divulgados para os turistas, ou mesmo em certas políticas públicas que acabam por modificar, de certa maneira, a própria dinâmica da cidade, criando uma nova geração que esteja em diálogo com o turismo. Na próxima seção, aprofundaremos esse tema.

## 2.1 Escolinha de vela e o título de capital da vela.

A escolinha de vela de São Sebastião está localizada de frente para Ilhabela, utilizando a geografia da ilha em benefício próprio (SÃO SEBASTIÃO, 2023). O diferencial de Ilhabela, no que se refere aos esportes náuticos, está diretamente ligado à presença do vento e sua geografia, favorecendo os esportes com vela, diferentemente de outras praias de São Sebastião que não estão localizadas de frente ao canal que liga a ilha ao continente. Por isso, nas praias de São Sebastião que não fazem parte do canal, ou seja, que não estão de frente a Ilhabela, a prática de esportes náuticos sem vela, como, por exemplo, o surf é muito mais comum. Ao mesmo tempo que o canal que liga à ilha a São Sebastião, protege a área das ondulações, forma o corredor que afunila o vento, favorecendo assim esportes náuticos com vela. Na figura a seguir pode-se observar o Canal de São Sebastião e a direção dos ventos sul e leste.

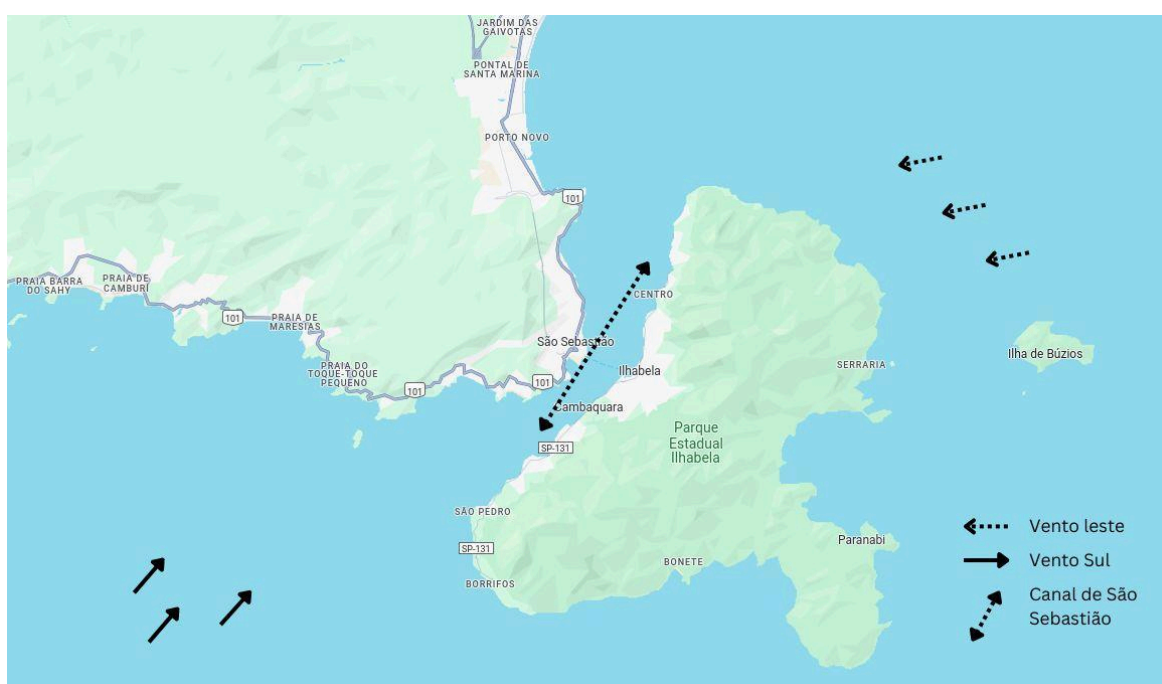


Figura 1. Mapa de Ilhabela. Produzida por Acauã Allende.

A primeira “escolinha” de vela de Ilhabela foi criada em 1997, em uma parceria do Yacht Club de Ilhabela com a prefeitura. Na década de 1970, já existia o Grêmio de Vela de Ilhabela (GVI). Apesar de ainda não ser uma escola pública de vela, já ensinava alguns caiçaras a velejar dentro dos padrões de regata, ou seja, considerando os tipos de embarcação e regras da competição. É a partir do GVI, por exemplo, que se forma uma das famílias de caiçaras mais tradicionais, e campeã, no universo da vela ilhabelense, a família Jesus (ZDLSPORTS, 2015). Em 2001, a escolinha de vela passa a se chamar Projeto Navegar. Ali as “crianças moradoras e estudantes da rede de ensino municipal, estadual e particulares de Ilhabela podem também aprender o esporte, na escola de vela mantida pela Prefeitura” (OHPHATA, 2001). Nota-se uma primeira ampliação dessa política pública, visando à democratização do acesso à vela. Em 2016, há uma nova mudança. O Projeto Navegar passa por outra ampliação e recebe o nome de Escola Municipal de Vela “Lars Grael” (EVI). A escola conta, então, com “dois prédios interligados e construção voltada ao mundo náutico, alojamentos amplos, salas de treinamento e administrativo, refeitório e espaços técnicos para barcos e materiais” (RADAR LITORAL, 2022). Essas ampliações, via gestão pública, podem ser entendidas como respostas a um título recebido em 2011, que projetou Ilhabela definitivamente ao cenário internacional no universo da vela. Vale ressaltar que muitos dos velejadores e velejadoras formados nessas instituições acabam trabalhando com manutenção ou como tripulantes em barcos de turistas, veranistas (ZDLSPORTS, 2015) ou nas empresas destinadas ao turismo.

Tamanha importância se conferiu aos esportes de vela, sua ligação com o turismo e a economia do arquipélago que, durante o governo da Presidenta Dilma Rousseff, Ilhabela recebeu o título de Capital Nacional da Vela, através da lei nº 12.457, de 26 de julho de 2011 (ROUSSEFF, 2011). O projeto de lei é de 2009, de autoria do então deputado federal Marcelo Ortiz (PV-SP), de Taubaté, cidade que compõe o Vale do Paraíba, no estado de São Paulo. Segundo a matéria “Decreto presidencial de Dilma Rousseff, em 2011, concedeu à Ilhabela o título de “Capital Nacional da Vela” (2023), “para a relatora do projeto, na época, a senadora Marisa Serrano (PSDB-MS), o título contribuiria para reafirmar a vocação de Ilhabela para sediar as competições de vela e ser, cada vez mais, um polo difusor desse esporte” (NOTÍCIAS DAS PRAIAS, 2023). Vale dizer que, antes disso, Ilhabela já era conhecida por muitos como “Ilhabela, capital da vela”. O projeto enaltece a atividade humana, no caso o esporte náutico com vela. Porém, tem como pano de fundo o sujeito planetário vento.

Os velejadores, e velejadoras, de Ilhabela são conhecidos no cenário nacional e internacional da vela. Com ventos privilegiados para treinar, muitos se tornam campeões, como é possível identificar nas manchetes seguintes:

<b>MANCHETES SELECIONADAS</b>
<i>“Dupla de Ilhabela (SP) lidera primeiro dia do mundial de Snipe” (CBVELA, 2022).</i>
<i>“Velejadores de Ilhabela sagram-se campeões do acirrado Campeonato Brasileiro de HPE25”(TAMOIOSNEWS, 2022).</i>
<i>“Representando a Escola Municipal de Vela de Ilhabela, destaque para as velejadoras Malena Piscinelli e Iker Colen (EVI), campeãs pela classe Tempo”(NOTICIASDASPRAIAS, 2022).</i>
<i>“Mateus Isaac vence Sul-Americano de IQfoil, das 15 regatas do torneio sul-americano, o atleta de Ilhabela (SP) venceu 13” (CBVELA, 2022).</i>

Quadro nº 3. Manchetes selecionadas. Organizado por Acauã Allende.

Essas são apenas algumas notícias recentes selecionadas por nós. Antes de títulos, escolas de vela, tombamentos de parques, ascensão do turismo, o arquipélago já produzia grandes navegadores, grandes mestres canoieiros, que conheciam muito bem o território, a atuação e presença do vento na região. Essa “alfabetização oceânica” advém do profundo respeito e observação da natureza. Isso é o que notamos na fala de Seu Mazinho: “quem morre de trovoada se arrepende”, disse o pescador que não sabe nadar.

### 3. DEBATE TEÓRICO

A partir do debate feito através das fontes no capítulo anterior, entendemos que a participação, a presença e influência do vento no arquipélago de Ilhabela são relevantes e acabaram por contribuir para a organização social da região. Podemos entender que a história do nosso sujeito, o vento, é tratada de maneira trivial durante um longo período de tempo na história do arquipélago. Vimos que seu reconhecimento só aparece de maneira nítida quando relacionado à vela e a cidade recebe um título, relação da qual tratamos no capítulo anterior. Neste capítulo buscaremos compreender porque nossa abordagem histórica é importante para o estágio atual do planeta.

#### 3.1 Pouco mais de cem anos de análise.

O professor José Augusto Leitão Drummond, no texto intitulado “A história ambiental: temas fontes e linhas de pesquisa” (1991), diz que a história natural foi a primeira a adotar um recorte cronológico diferente para produzir ciência. Segundo ele, foi a primeira “atividade social moderna a literalmente exigir outras unidades de medida de tempo e, principalmente, muito mais tempo” (DRUMMOND, 1991, p.178). Braudel, em sentido antropocêntrico, e com unidades temporais de medida menores, classificaria esse tempo dentro de uma análise de longa duração, ou uma análise da estrutura. Drummond argumenta que “na nossa cultura as unidades extremas dessa escala – segundos e milênios - têm sido bem estáveis” (DRUMMOND, 1991, p.178). Ele diz que para as culturas humanas, o tempo caminha junto ao tempo “geológico ou natural”, e sendo assim, esse recorte de tempo “não pode ser ignorado pelas ciências sociais” (DRUMMOND, 1991, p.179). Nós, no presente trabalho, mesclamos as temporalidades, buscando entender a atuação do vento durante as mudanças de ciclos no arquipélago de Ilhabela. Quando consideramos outra perspectiva, mais longa de tempo, ou seja, com um recorte temporal maior, naturalmente, entendemo-nos como parte do planeta, ou seja como apenas mais uma espécie habitante dele. Sendo assim, naturalmente, nós enquanto parte do planeta deveríamos considerar, de maneira mais efusiva, aspectos da natureza onde não há negociação com o que denominamos de território. Por exemplo, ao extrair algo da natureza, sempre haverá uma consequência. Por menor que seja a resultância, algo muda, altera-se uma configuração. Qualquer matéria-prima, insumo, ou elemento, que nós inventamos um preço ou custo, faz parte de um processo, no qual, às vezes, nem uma unidade milenar de contagem de tempo

é capaz de dar conta para a compreensão de sua formação, por exemplo, o pré-sal. O que chamamos de pré-sal “é uma sequência de rochas sedimentares formadas há mais de 100 milhões de anos com a separação do antigo continente Gondwana nos atuais continentes sul-americano e africano” (PRÉ-SAL PETRÓLEO, “s.d.”). Ou seja, ao ter em mente um recorte temporal mais longo aliado à história natural, podemos analisar territórios a partir de forças naturais e assim entender processos sobre uma perspectiva em que façamos parte da natureza, que conseqüentemente, necessita de compreensão interdisciplinar. Trazendo para nosso trabalho, também, significa entender a história dando “às ‘forças da natureza’ um estatuto de agente condicionador ou modificador da cultura” (DRUMMOND, 1991, p.181), e do território. Para a análise sobre representações do vento no arquipélago temos em mente essa condição. Assim como “a cultura humana age sobre o meio físico-material, propiciando significados e usos complexos dos seus elementos” (DRUMMOND, 1991, p.181), a natureza age sobre o grupo ou sujeito sendo ele o condicionador ou modificador de cultura, em âmbito local e global. Em crítica às ciências sociais, Drummond entende que:

Para os clássicos das ciências sociais, as sociedades humanas estavam, portanto, fora ou acima da história natural, ou do ‘tempo geológico’ adotado a duras penas no estudo dos fatores vivos e mortos da natureza. Se a opção foi consciente ou inconsciente, pouco importa. Importa é que foi duradoura. Dois sociólogos norte-americanos, W. Calton e R. DunJap (1980), indagando já na década de 1980 o motivo de as ciências sociais não terem integrado a vanguarda do “despertar ecológico” mundial da década anterior, concluíam que, desde a sua origem, elas adotaram um ‘paradigma da imunidade humana’ (human exceptionalism paradigm) aos fatores da natureza. Nele, cada sociedade e a cultura humana em geral são intelegíveis apenas em si mesmas (DRUMMOND, 1991, p.179, 180).

No presente trabalho, optamos por um recorte cronológico que abarca pouco mais de cem anos, sendo nossa fonte mais antiga de análise do início do século XX e a mais recente dos dias atuais. Assim, podemos analisar melhor algumas transições como, por exemplo, a passagem econômica baseada na pesca, produção de café e troca de produtos excedentes no arquipélago para o turismo. Assim como podemos notar a transição de embarcações impulsionadas por tração humana e embarcações impulsionadas a motor. Também podemos notar a apropriação dos calendários de pesca e religioso das comunidades tradicionais pelo município e sua transferência para fins turísticos.

### 3.2 Lidando com a natureza planetária.

Dentro da historiografia praticada ainda não é tão comum associar os aspectos inerentes do planeta às políticas humanas. O livro *Pluriverso: um diccionario del posdesarrollo (2019)*, organizado por Ashish Kothari, Ariel Salleh, Arturo Escobar, Federico Demaria e Alberto Acosta, tem por objetivo dar voz a experiências que fogem da ideia de desenvolvimento tradicional, em que países e grupos sociais deveriam passar por alguns estágios para alcançarem algum status, ou mesmo grau de desenvolvimento/civilidade, dentro de padrões eurocêntricos. Em crítica ao que apontam como um hábito filosófico, acaba-se por dar “origen así a dualismos como la separación de humanidad sobre naturaleza, sujeto sobre objeto, civilizado sobre bárbaro, mente sobre cuerpo, hombre sobre mujer” (KHOTARI at. al, 2019, p.37). Segundo os organizadores, o livro pretende abarcar desde “el actual modelo globalizador de desarrollo hasta alternativas no modernas y autodefinidas” (KOTHARI at. al, 2019, p.37). Entendendo, assim, a crise climática e política atual como uma crise histórica, estrutural e global. Ou seja, o livro/dicionário faz tanto uma crítica aos modelos de desenvolvimento, como propõe soluções ancestrais e propostas para lidar com a crise climática global. Para os organizadores, “este diccionario aparece en un momento en que los dos grandes modelos del siglo xx —la democracia liberal representativa y el socialismo de Estado - se han vuelto formas de gobierno incoherentes y disfuncionales” (KOTHARI at. al, 2019, p.38, 39). De certa maneira, nosso trabalho se acerca dessas visões ao tentar aproximar à história do arquipélago de Ilhabela a história do vento na região e seus desdobramentos, apontados nos capítulos anteriores, onde conseguimos notar as soluções que foram adotadas para lidar com a natureza do arquipélago e do litoral norte do estado de São Paulo. Tamanha a presença do vento que mesmo durante a transição econômica, agrária e pesqueira para turística, sua presença seguiu como fator determinante. O livro *Pluriverso* também traz algumas experiências que mostram semelhanças entre interações humanas com seu território onde há maior ética e respeito na relação homem natureza, o que veremos no final deste capítulo com Karin Amimoto Ingersoll, Sutej Hugu e outras concepções sobre controle da natureza. Antes, tentaremos entender melhor como a história e o clima são pensados na historiografia.

### 3.3 Clima e história, uma abordagem necessária.

O Historiador Dipesh Chakrabarty, no texto intitulado “Clima e historia: cuatro tesis” (2019), aponta que, na década de 1890, o cientista sueco Svante Arrhenius havia descoberto, através de seus estudos, que o aquecimento global estava acontecendo, mas foi somente no final dos anos 1980 e

1990 que as discussões foram feitas de maneira mais crítica. Chakrabarty aponta que foi nesse período que os cientistas sociais e humanistas começaram a debater sobre globalização e clima (CHAKRABARTY, 2019, p.52). O autor nota que:

La situación cambió en la década de 2000, cuando las advertencias se agravaron y los signos de la crisis -como la sequía en Australia, los frecuentes ciclones e incendios de matorrales, las malas cosechas en muchas partes del mundo, el derretimiento de distintos glaciares, como en el Himalaya, y de los casquetes polares, el aumento de la acidez de los mares y los daños a la cadena alimentaria- se convirtieron en algo política y económicamente ineludible. A ello se añadió la creciente preocupación, cada vez más extendida, acerca de la rápida destrucción de otras especies y de la huella ecológica de la población humana, que se prevé que sobrepase la barrera de nueve mil millones en 2050 (CHAKRABARTY, 2019, p.52).

O que podemos entender a partir dessa primeira análise do historiador Chakrabarty é que a crise climática se agrava de maneira rápida. Se considerarmos o avanço mais efusivo do homem sobre a natureza, desde o século XVIII, já podemos notar diversas mudanças climáticas. No texto, Chakrabarty, desenvolve quatro teses nas quais apresenta respostas à crise climática contemporânea do ponto de vista do historiador (CHAKRABARTY, 2019, p.52). As quatro teses são:

- Tesis 1: Las explicaciones antropogénicas del cambio climático implican el colapso de la antigua distinción humanista entre la historia natural y la historia humana
- Tesis 2: La idea del antropoceno, la nueva era geológica en la que los seres humanos existen como fuerza geológica, matiza profundamente las historias humanistas de la modernidad/globalización
- Tesis 3: La hipótesis geológica relativa al antropoceno nos obliga a relacionar las historias globales del capital con la historia de los humanos como especie
- Tesis 4: entramado de la historia de la especie y de la historia del capital es un proceso de exploración de los límites de la comprensión histórica

Na primeira tese o autor diz que os estudiosos da história têm mostrado com frequência que há uma tendência consciente em separar a história humana, ou dos assuntos humanos, da história natural. Às vezes, até mesmo negam que a natureza possa ter uma história, sendo as instituições civis e políticas obras humanas e a natureza obra de deus. Essa perspectiva implica que podemos apenas ter conhecimento sobre nossas criações e não sobre natureza (CHAKRABARTY, 2019, p.54). Segundo

Chakrabarty, a historiadora Naomi Oreskes considera que os humanos se tornaram agentes geológicos, isso se tratando do aquecimento global (CHAKRABARTY, 2019, p.57). Para a historiadora Oreskes, houve um tempo em que os cientistas pensavam que os processos da terra não podiam ser modificados e, segundo ela, esse foi um dos princípios das ciências geológicas. Acreditavam que a cronologia humana era insignificante quando comparada ao tempo geológico. A autora não discorda, porém entende que esses processos mudaram e hoje já não podemos afirmar o mesmo. Ela compreende que, na atualidade, a quantidade de cortes de árvores e a queima de milhões de toneladas de combustíveis fósseis nos converteram em agentes geológicos. Acabamos por modificar, em suas palavras, "la química de la atmósfera", provocando o derretimento das calotas polares, o aumento do nível do mar e, por consequência, mudanças climáticas (CHAKRABARTY, 2019, p.57). No presente trabalho aderimos à proposta de que a história pode ser escrita em diálogo com a natureza. De maneira geral Chakrabarty compreende que:

“De hecho, lo que los científicos han dicho sobre el cambio climático modifica no sólo las ideas sobre el ser humano que suele mantener la disciplina histórica, sino también las estrategias analíticas que los historiadores poscoloniales y postimperiales han desplegado en las dos últimas décadas en respuesta al escenario de la posguerra, el de la descolonización y la globalización” ( CHAKRABARTY, 2019, p.52)

Nossa abordagem se aproxima desse pensamento ao tentar conectar a história do arquipélago com a influência do vento na região, tendo em mente que as mudanças climáticas podem modificar tanto o vento como o nível do mar, alterando assim a relação dos dois enquanto conexos. Quer dizer, buscamos uma alternativa para a análise historiográfica da região, pensando-a em sentido planetário. Ao considerar a mudança climática, percebe-se que a diferença entre cultura e natureza é uma construção do pensamento ocidental que fundamentou análises antropocêntricas dentro da historiografia. Em nosso trabalho fazemos o oposto, buscando um elemento natural em fontes antropocêntricas, tendo por objetivo observar e pensar a história do arquipélago através do elemento vento.

### **3.4 Humanos como agentes geológicos e crise climática.**

Já é comprovado que as alterações no clima causadas pela modificação no efeito estufa são graves e podem ser irreversíveis. O pesquisador do Centro de Ciencias de la Atmósfera da Universidade Nacional Autónoma do México, UNAM, Víctor O. Magaña Rueda, no texto “El cambio climático

global: comprender el problema” (2004), argumenta que as alterações climáticas das últimas décadas e as próximas alterações que vão ocorrer podem afetar a variabilidade do clima. Segundo o autor:

Eventos de El Niño más frecuentes o intensos, huracanes de mayor magnitud, ondas cálidas o frías más pronunciadas son algunas de las formas como la atmósfera podría manifestar las alteraciones climáticas resultado de la actividad humana (RUEDA, 2004, p.18).

O pesquisador Artemio Gallegos García, no texto intitulado *Clima oceánico: los mares mexicanos* (2004), aponta que a enérgica atividade desenvolvimentista do conglomerado humano perturba a evolução natural da atmosfera, do mar e da terra. Segundo ele, são tão enérgicas as atividades que colocam em risco a própria sobrevivência humana no planeta. Segundo García, na década de 1950, alguns cientistas reviveram o tema sobre a concentração de CO<sup>2</sup> e encorajaram a realização de estudos analíticos na área. Esses estudos estimularam linhas de pesquisa sobre o clima terrestre e sobre mudança climática global. Ficou nítida a emergência das ciências ambientais, o desenvolvimento de investigações teóricas e empíricas específicas, a realização de programas nacionais e internacionais de observação sobre o clima (GARCÍA, 2004, p.41). García diz, de maneira resumida, que na literatura científica existem diversas descrições sobre o clima terrestre. Essas descrições são conhecidas como modelos de Sistema Climático Global (SCG). Segundo o autor, há uma unanimidade nos modelos, de que o sol é a principal força de energia. A radiação solar se distribui e é absorvida de maneira heterogênea e diferencial na biosfera terrestre. Essa distribuição é o que gera movimentos atmosféricos e oceânicos de redistribuição de energia, criando um estado de equilíbrio termodinâmico e de homogeneidade (GARCÍA, 2004, p.42). Outro aspecto destacado por García é que os modelos de SCG estabelecem, como princípio fundamental, que o oceano tem papel central na evolução do clima pela capacidade que tem de acumular, transportar e liberar grandes quantidades de calor (GARCÍA, 2004, p.43). García nos diz que o planeta, durante o último milhão de anos, passou por oito ciclos glaciais, oscilando de maneira irregular entre dois períodos: glacial primordial, entendido como condições frias, de poucas chuvas, com grandes extensões de gelos polares, glaciais e um declínio do nível do mar; interglacial úmido, caracterizado por condições ambientais de grande umidade, calor, ausência de gelo polar, glacial e nível do mar elevado. Sobre essas milenares oscilações de escala global, existem oscilações de curta duração e de menor extensão geográfica (GARCÍA, 2004, p.44, 45). Nesse sistema complexo climático temos também a presença de nosso elemento, o vento. Segundo García existe grande importância dos regimes de vento para o ciclo hidrológico do planeta:

El ciclo hidrológico de la Tierra se sustenta en la capacidad del océano para almacenar, transportar y liberar enormes cantidades de calor, y debido a esta virtud tiene una influencia determinante en el clima y su variabilidad. Sin embargo, **el océano se subordina a los cambios que ocurren en la atmósfera, particularmente a las fluctuaciones en el régimen de vientos sobre la superficie del mar**, a los procesos de evaporación-precipitación marina y a la radiación neta sobre el océano (GARCÍA, 2004, p.45, **grifo nosso**).

García aponta como um dos resultados do aumento da temperatura a intensificação dos ventos. Ele diz que, durante os verões, os gradientes térmicos, ou seja, as taxas de variação de temperatura, e de pressão atmosférica a nível do mar entre terra e mar são mais acentuadas que no inverno. Assim, a interação entre os centros de alta e baixa pressão atmosférica resulta em uma conversão de energia potencial disponível em energia cinética mais violenta e efetiva. Isso causa a intensificação dos ventos (GARCÍA, 2004, p.46). Ao pensarmos a história do arquipélago e entendermos sua relação direta com a ação do vento, entendemos que o aumento da temperatura causaria mudanças na região, podendo afetar diretamente as populações locais e as relações com o território. Por isso, no momento são importantes e urgentes análises históricas que abarquem a temática da saúde planetária.

Essa crise climática que vivemos nos dias atuais, nos deixa apenas uma saída: considerar que somos agentes geológicos e, portanto, somos parte tanto da crise, quanto do planeta. Se faz necessário com que a disciplina da história, e as demais ciências sociais em geral, ampliem suas concepções de tempo e espaço de modo a incorporar em suas análises histórias da natureza sem viés antropocêntrico.

### **3.5 A parcela de vida vento.**

Chakrabarty em outro texto, agora, intitulado “O Planeta: uma categoria humanista emergente” (2020), em debate com o filósofo alemão Martin Heidegger, discute as categorias mundo, terra e planeta. Compreende-se mundo como o produto da ação humana sobre a terra. Entende-se terra como o que possibilita a vida. Segundo Chakrabarty, para Heidegger “os mundos humanos e a terra têm uma relação de conflito, mas também de vínculo mútuo”, sendo os dois, por essência, diferentes e um se projetando sobre o outro, travando assim um embate (CHAKRABARTY, 2020, p.10). Para Chakrabarty, as duas categorias se referem ao humano. Planeta seria o gerador de

condição para a vida humana, mas diferente da terra, ele é indiferente quanto à existência humana: para nós inerente e para ele indiferente (CHAKRABARTY, 2020, p.12, 13). Ou seja, a categoria planeta não se refere ao humano. Para o historiador indiano “todas essas dimensões ultrapassam em muito a escala das realidades humanas de espaço e tempo”. Ou seja, não há uma relação comunicativa entre o planeta e os seres humanos (CHAKRABARTY, 2020, p.12). Essa diferenciação entre mundo terra e planeta é interessante para pensarmos que as análises aqui propostas remetem a um elemento planetário. Isso quer dizer que, ao entendermos nossa história ligada a uma categoria inerente a nossa humanidade, podemos reverter impactos danosos ao planeta, aceitando assim condições que não são negociáveis por não haver um diálogo com o planeta. O autor compreende como global a ação humana interconectada (CHAKRABARTY, 2020, p.24, 25). Segundo o autor, a Ciência do Sistema Terrestre (CTS):

“explica, entre outras coisas, o aquecimento e o resfriamento globais, confere aos seres humanos um passado muito longo, heterotemporal e com múltiplas camadas, ao situá-los na conjuntura de três histórias (agora interdependentes de diversas formas) cujos eventos são definidos por escalas temporais muito distintas: a história do planeta, a história da vida no planeta e a história do globo construído pela lógica dos impérios, do capital e da tecnologia. Os cientistas do sistema terrestre, portanto, podem ser entendidos como historiadores que escrevem em um regime emergente de historicidade. Poderíamos chamá-lo regime planetário ou antropocênico de historicidade para distingui-lo do regime global de historicidade, que permitiu a muitos historiadores humanistas e das ciências sociais lidar com o tema da mudança climática e com a ideia do Antropoceno” (CHAKRABARTY, 2020, p.8).

O protagonista da história escrita pela CTS “não é a vida humana ou a humanidade, mas a vida complexa e multicelular em geral” (CHAKRABARTY, 2020, p.33). Ou seja, acaba por estudar a capacidade geradora de vida, suas modificações e adaptações. Para Chakrabarty, a ciência do aquecimento global, praticada dentro da grande área da CTS “nos afasta de uma imaginação voltada para a Terra e o humano” (CHAKRABARTY, 2020, p.25). Assim acaba por desestabilizar a narrativa da globalização. Ele argumenta que:

em contraste com a noção de globo da globalização, o olhar da CST precisa ter outros planetas em vista para que seja possível criar modelos de como este planeta funciona (e os princípios de representação são diferentes daqueles envolvidos quando se invoca o globo). Ao contrário do que podemos imaginar, a ciência do aquecimento global não é específica a este planeta; ela é parte da chamada ciência planetária (CHAKRABARTY, 2020, p.25).

Segundo o autor, essa capacidade de geração de vida pode ser compreendida quando o planeta terra é comparado com outro planeta do universo. Essa característica de capacidade geradora de vida é o que o autor chama de habitabilidade. Chakrabarty nos mostra que a habitabilidade proporcionada pelo planeta também diz respeito ao nível estável de oxigênio, citando o professor e pesquisador Timothy Michael Lenton que diz ser impressionante “que a quantidade de oxigênio atmosférico tenha se mantido dentro de limites habitáveis para a vida complexa de animais e plantas, apesar de as moléculas de oxigênio terem sido substituídas mais de cem vezes” (CHAKRABARTY opti. TIMOTHY MICHAEL LENTON, 2020, p.48, 49).

Os cientistas do sistema terrestre parecem concordar que as diferentes formas de vida, tanto em terra quanto no mar, a taxa de carbono orgânico enterrado no mar, os ciclos de fósforo e carbono de longo prazo, tudo desempenha um papel na renovação e manutenção da parcela de oxigênio na atmosfera que possibilita o florescimento da vida complexa (CHAKRABARTY, 2020, p.49).

Habitabilidade, para o Chakrabarty, é “o termo-chave do pensamento planetário que se poderia contrapor à noção de sustentabilidade nas ideias globais” (CHAKRABARTY, 2020, p.46). Esse conceito não se refere aos humanos. Segundo o pesquisador, “sua preocupação central é a vida – a vida complexa, multicelular em geral – e o que a torna sustentável, e não só para os seres humanos. O vento, no presente trabalho, existe para o arquipélago enquanto característica planetária. No sentido de que, não fosse sua forte presença, a história local certamente seria outra. Como nos mostra o pesquisador, essa característica, que apresenta o planeta, é inegociável. No caso, a presença do vento naquela região é ocasionada por diversos fatores e mudanças planetárias, como, por exemplo, pressão atmosférica, formação geológica e variações do nível do mar.

Para o autor, ainda dentro da diferença entre os conceitos global e planetário, existe diferenciação entre as ideias de sustentabilidade e habitabilidade. O autor explica que a ideia de sustentabilidade está ligada aos compromissos políticos para o bem-estar e as futuras gerações. Ou seja, está associada à história global, a história política, diretamente ao ser humano (CHAKRABARTY, 2020, p.41). Para o autor, o pensamento antropocêntrico da ideia de sustentabilidade dominou o século XXI e serviu como fundamento para o capitalismo verde (CHAKRABARTY, 2020, p. 44). Assim como esse pensamento antroposustentável está para o global, político, a habitabilidade está para o planeta. Nossa pesquisa enfatiza a importância de uma metodologia que considere a perspectiva planetária dentro da análise. Em nosso caso, o vento e sua capacidade de abordagem histórica.

Onde, nós, humanos, tivemos que nos adaptar ao seu funcionamento. A presença do vento nos permite compreender as mudanças, assim como é possível observá-lo como um direcionador das atividades humanas, no arquipélago. Uma das características de um planeta que não negocia, que reage às interações humanas com mecanismos de equilíbrio e adaptação.

Destacamos aqui que o oxigênio em movimento, e não só ele, é o que conhecemos popularmente como vento. Ou seja, o vento carrega a possibilidade da vida; oxigênio, nitrogênio, vapor de água, gases nobres (hélio, neônio, argônio, criptônio, xenônio e radônio), micropartículas, gás carbônico. Além disso, seus regimes acabam por direcionar migrações de diversas espécies de animais como, por exemplo, as aves, peixes e todos seus desdobramentos em cadeia biológica. Por isso, a capacidade de geração de vida do planeta também diz respeito ao vento. O movimento desses elementos químicos acontece pela variação de pressão atmosférica causada pelo aquecimento do planeta pelo sol e a própria rotação do planeta. Como o aquecimento não é uniforme em todo o planeta, as correntes de ar migram e assim geram os ventos. “Os ventos geralmente sopram de áreas de alta pressão para áreas de baixa pressão” (MORSE e TURGEON, 2023, tradução nossa).

### **3.6 Vento, deslocamento e economia.**

O planeta possui cinco zonas principais de ventos; polar *easterlies* (ventos polares de leste), *westerlies* (ventos de oeste), *horse latitudes* (latitudes cavalo), *trade winds* (ventos alísios) *and the doldrums* (zona de estagnação) (MORSE e TURGEON, 2023). Os ventos podem ser classificados e nomeados de diversas maneiras conforme a relação do grupo com sua própria região geográfica e/ou cultura. Também podem ser classificados de acordo com as ciências que os estudam, na meteorologia: Tramontana (vento do norte), Gregal (vento do nordeste), Levante (vento do leste), Siroco (vento do sudeste), Austro (vento do sul), Garbino (vento do sudoeste), Ponente (vento do oeste) e Mistral (vento do noroeste) (USP, 2019). Ao mesmo tempo, Mistral pode ser um vento conhecido por soprar no sul da França. O vento Aracati, por exemplo, compõe o território e imaginário cearense. O Aracati é esperado pelos moradores do Ceará, é contado pelos poetas; no tupi-guarani: bons tempos ou bons ventos. “Várias pessoas esperam, na porta de casa, a passagem do vento, que é alvo de pesquisas e produções artísticas” (JÚNIOR, 2012). Cansim, o “vento sulino, quente e seco, que sopra no Egito na época das enchentes do Nilo.” (DICIO, MELHORAMENTOS, 2023). Sudunga, para os caiçaras do Saco do Sombrio do Arquipélago de Ilhabela, é o vento forte vindo do sul (NETO, 2016, p. 34). Assim como também existem classificações para regimes de vento como, por exemplo, as monções asiáticas.

Segundo o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - CPTEC/INPE, “A circulação de monção é um dos principais sistemas atmosféricos de grande escala que atua na faixa tropical, associada com a reversão da direção dos ventos em baixos níveis durante a fase de transição entre o inverno (pouca chuva) e o verão (muita chuva)” (GAN, 2009, p.1). O artigo explica a definição de monção. Segundo os autores, há mais de 3000 anos os chineses já conheciam o sistema de monção de verão e inverno no leste asiático. Em 1686, Halley propõe explicação teórica sobre a monção asiática baseada na variação de temperatura; em 1879 Voyeikov relaciona “a variação sazonal da precipitação com a monção”; em 1957, Khromov propõe a relação da monção com a direção e frequência do vento e em 1971 Ramage modifica e inclui a “intensidade e persistência da variação do vento” e assim definem os critérios:

Mudança da direção predominante do vento por pelo menos 120° entre janeiro e julho; A frequência média da direção predominante do vento em janeiro e julho excede 40%; A média do vento resultante em pelo menos um dos meses deve exceder 3 m.s; Ao menos uma alternância de ciclone-anticiclone deve ocorrer de dois em dois anos em ambos os meses numa região de 5° de latitude-longitude. Por essa definição somente a Ásia, Austrália e África teriam um regime de monção, e a AS não apresentaria tal regime por dois motivos: O continente muito estreito nas regiões sub e extratropicais, o que limita a área de formação de uma alta fria estacionária e de uma baixa térmica; A ressurgência persistente das águas frias do oceano Pacífico Sul na costa oeste do continente, que mantém a temperatura da superfície do mar (TSM) menor do que a temperatura do ar na superfície do continente durante todo o ano (GAN, 2009, p. 2).

O regime de monções definiu as “rotas do comércio intercontinental da Ásia e as mercadorias que circulavam neste sistema” (CUNHA, 2009, p. 11, 12, 13), como nos mostra a monografia de Juliana Araujo da Cunha, *O comércio intercontinental de especiarias na Indonésia no período pré-colonial e a presença das cias. de comércio durante os séc, XV e XVIII (2009)*. Assim como sabemos que os regimes de ventos tiveram e ainda têm influência direta na economia do Arquipélago de Ilhabela, que aprofundamos no capítulo anterior do presente trabalho. A diferença é que os estudos sobre o regime de vento na região do arquipélago de Ilhabela são menos incorporados pelas ciências humanas. Atualmente o setor econômico terciário de Ilhabela se desenvolve em torno do “meio-ambiente local e dependem diretamente de sua relação com as nuances climáticas do território onde são praticadas” (MILANESI, 2016, p.31). Segundo Milanesi, o conhecimento do “regime sazonal dos atributos climáticos” do arquipélago é essencial para as atividades econômicas

ligadas ao turismo e esportes náuticos, e adicionamos que conseqüentemente acabam por influenciar o setor de serviços. Todos esses setores se beneficiam “da exploração dos recursos naturais da ilha”. O pesquisador ainda destaca que Ilhabela sedia a maior competição de vela da América Latina e isso graças à “qualidade de seus ventos” (MILANESI, 2016, p.31). Nota-se que a forte presença dos ventos sempre esteve ligada às principais atividades econômicas do arquipélago. O calendário turístico do arquipélago, citado no segundo capítulo, nos revela como os saberes das comunidades tradicionais foram incluídos, desde as datas festivas a eventos direcionados ao público turista. Vale ressaltar que entender sobre o vento, as marés, a botânica, a geografia, qual a melhor lua para se pescar determinado peixe, qual vento “arrasta” qual peixe em qual época do ano, qual a melhor árvore para canoa rápida, para canoa de “mar grosso” são saberes transmitidos com o passar do tempo, de geração em geração, somente possíveis pela profunda necessidade de observação da natureza.

### **3.7 Grupos insulares e natureza.**

A pesquisadora Karin Amimoto Ingersoll, no verbete intitulado “Ontologías del mar” (2019), faz uma pequena síntese de ideias muito válidas sobre os povos oceânicos e começa pontuando: “Los pueblos oceánicos adoptan conocimientos específicos y formas de ser que ofrecen una perspectiva única para abordar el desarrollo” (INGERSOLL in: PLURIVERSO, 2019, p. 370). Ingersoll escreve sobre os povos havaianos contemporâneos. Entende que seus conhecimentos específicos sobre o mar, o vento, as marés, peixes, aves, ou seja, sobre a natureza, permitem com que esse grupo se relacione de maneira distinta com o planeta. (INGERSOLL in: PLURIVERSO, 2019, p. 370). Ao aproximar as populações caiçaras do arquipélago, podemos notar muitas cercanias ao observar Seu Mazinho descrevendo suas experiências e seus conhecimentos em relação à navegação e clima (ver p. 30, 31). Segundo Ingersoll:

En esta alfabetización oceánica, el cuerpo y el paisaje marino interactúan en un discurso complejo cuando los ojos, oídos, músculos y piel de un navegante leen los movimientos del océano a través de una conexión dinámica e indígena con el espacio y el lugar. La alfabetización oceánica crea una política y una ética que privilegian la interconexión como una alternativa a la gran narrativa de los mundos de pensamiento occidentales, que mantienen a nuestros «yoes» separados de la tierra y el mar, cruzando sobre un océano en lugar de viajar dentro de él (INGERSOLL in: PLURIVERSO, 2019, p. 370).

Essa política e ética, como descreve a pesquisadora, criada através da alfabetização oceânica também diz respeito ao profundo respeito que as populações insulares têm pelos os elementos da natureza, tanto por serem comunidades isoladas, e assim desenvolverem laços maiores com outros seres vivos, como por saber de onde vêm os recursos utilizados por eles mesmos. Essa memória de respeito e integração com a natureza é passada através das gerações de diversas maneiras, o que em nosso estudo, aparece em um simples ditado: “quem morre de trovoada se arrepende” (ver p.32, 33). Ingersoll entende que “gran parte del mundo actual se desenvuelve sin memoria, como si los espacios que habitamos fuesen geografías en blanco y, por lo tanto, estuviesen a disposición del consumo y del desarrollo” (INGERSOLL in: PLURIVERSO, 2019, p. 371).

O pesquisador Sutej Hugu, no verbete intitulado “Visión tao del mundo” (2019), descreve a relação do povo tao, de aproximadamente 5.000 indivíduos, com o mar da Astronésia . Metade deles ainda vive em sua ilha natal, na costa de Taiwan (HUGU in: PLURIVERSO, 2019, p.474). Segundo Hugu, o povo tao possui vastos conhecimentos e práticas ecológicas tradicionais, assim como um sistema sem chefes e anciãos que governam. Possuem líderes responsáveis por funções diferentes divididas por gênero (HUGU in: PLURIVERSO, 2019, p.474). Essas são as primeiras similaridades com as comunidades tradicionais caiçaras de Ilhabela. Parteiras, mulheres, mestres canoieiros, homens. Vale ressaltar que, no caso do arquipélago de Ilhabela, essas funções estão diretamente ligadas ao vento, como vimos no primeiro capítulo. Tanto pelas parteiras terem que realizar os partos em condições de tempo severo, quanto os mestres canoieiros e as singularidades das canoas produzidas, com influência direta do vento. Porém o mais interessante é que, segundo Hugu:

Siguiendo su sistema único de cálculo del tiempo llamado ahehep no tao (la noche de la gente), que es un calendario ecológico originario para realizar un seguimiento del ciclo lunar mensual y ponerse al día con el ciclo solar anual, los hombres tao alternan, según las estaciones, la pesca migratoria y la que realizan en los arrecifes de coral (HUGU in: PLURIVERSO, 2019, p.474).

Esse calendário ecológico, do grupo tao, é parecido com o calendário descrito por Dona Licinha, quando diz que seu pai conhecia o dia dos peixes (ver p.25). Ou seja, a sazonalidade da pesca e o respeito a cada espécie. Essa ideia de sazonalidade corresponde ao conhecimento da natureza e seus ciclos. Vale ressaltar também o pescador que afirma a Gioconda Mussolini, que sabe que a tainha está entrando no canal através do vento (ver p.25), citado no primeiro capítulo. Sabemos que essa sazonalidade da pesca está ligada a um sistema complexo que envolve mar, vento e temperatura (ver p.26). Podemos notar uma pequena semelhança ao comparar com os festivais culinários, como:

festival da lula, festival da tainha, festival da sardinha, festival do camarão, porém, estes, foram criados apenas para fins turísticos (ver quadro nº2). Nota-se que a administração do arquipélago de Ilhabela utiliza as estações de pesca para promover seus festivais, diferente do povo insular tao que compreende os ciclos da natureza buscando “la supervivencia, el renacimiento y la sostenibilidadde las generaciones futuras” (HUGU in: PLURIVERSO, 2019, p.474, 475).

A partir desses teóricos podemos notar que a forte relação do vento com o arquipélago de Ilhabela, que por mais que tenha sido reconhecido em termos políticos com o título de capital da vela, ainda não compreende o sujeito vento como um patrimônio imaterial local. Reconhecendo-o assim apenas para fins econômicos e turísticos. Talvez, ao se compreender e reconhecer o vento como um direcionador para o arquipélago se possa, naturalmente, entender-se como parte de uma cadeia do planeta e assim atuar de maneira mais “radical” em sua defesa. “Un mundo en el que todo está conectado con todo lo demás” (KOTHARI at. al, 2019, p. 44).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A partir das reflexões e análise sobre as fontes, parece-nos importante o exercício de compreender se nossas perguntas de pesquisa foram respondidas. São elas: o vento é considerado em práticas tradicionais das comunidades caiçaras? Como o vento é conhecido pelos habitantes? O vento faz parte de temas, conteúdos artísticos, festividades e comemorações do arquipélago? O vento exerce influência no dia a dia dos habitantes? O vento foi um elemento importante para a economia do arquipélago? O vento é reconhecido pela administração do arquipélago? É possível escrever a história recente do arquipélago através do vento?

Foram constatadas a atuação, presença e representação do vento nos seguintes pontos:

- É considerado em práticas tradicionais, como a construção da canoa caiçara de Ilhabela.
- Interferiu da arquitetura tradicional.
- Foi o principal motor da economia do arquipélago no período pesqueiro/agrícola.
- Recebe diferentes alcunhas de seus moradores.
- Está presente nos versos dos poetas e pasquinheiros.
- Está presente no calendário festivo tradicional.
- É influente na mobilidade dos moradores e turistas.
- Segue como principal motor na economia no período atual baseada no turismo.
- Está presente no calendário turístico.
- Influenciou e segue influenciando políticas públicas, como a expansão da escolinha de vela e o calendário turístico.

Consideramos que o vento foi e segue como um sujeito protagonista para a história do arquipélago de Ilhabela. Esse foi o primeiro esforço realizado para uma leitura histórica do Arquipélago de Ilhabela em termos planetários, relacionando e dando protagonismo ao elemento chave de nossa pesquisa, o vento. A partir de nossa pesquisa notamos que é possível escrever estudos históricos considerando agentes naturais, ou agentes não humanos e assim contribuir para que não haja distinção, ou, ao menos, não haja total distinção, entre a história humana e a história natural. Dessa maneira conseguimos contribuir com análises históricas menos antropocêntricas, colaborar com narrativas que problematizam os efeitos danosos causados pela superexploração do seu humano sobre a natureza, assim como contribuir para a escrita da história menos enviesada em perspectivas antropocêntricas.

Ao compreendermos a realidade das alterações causadas pelo aquecimento global e nos entendermos enquanto agentes geológicos, podemos dizer que já estão ocorrendo diversas mudanças nas áreas de alta e baixa pressão do planeta, mudanças nos mares, nos ventos, nas migrações de animais, migrações humanas. Se prosseguirmos com a má utilização dos recursos naturais e mantermos uma lógica de grandes intervenções em ciclos naturais, seremos responsáveis por desajustar as configurações do planeta, sendo que algumas que podem ser irreversíveis. Por isso, ressaltamos a necessidade de abordagens históricas que compreendam agências naturais e humanas em conjunto, para assim rompermos com essa lógica nas ciências humanas, onde a maioria dos estudos separam seres humanos e natureza.

No arquipélago de Ilhabela, o vento é reconhecido internamente pelos habitantes, como nos mostram as fontes, assim como é considerado pelo poder público municipal dentro de suas ações. Ele também recebe reconhecimento indireto do órgão público federal quando o arquipélago recebe o título de capital nacional da vela (2011), porém, entendemos que o presente título tem seu reconhecimento diretamente ligado a uma prática humana, no caso, os esportes ligados à vela, e não sobre o elemento vento que tem forte atuação e influência na região. Segundo Elizabeth Jelin, no texto intitulado “Marcas territoriales, patrimonio y memoria. ¿Conservar o transmitir?” (2014), o sentido de patrimônio:

**implica mirar al pasado, otorgándole valor y sentido en tiempos posteriores.** Tiene también una dimensión de futuro, ya que quienes emprenden tales proyectos lo hacen con la expectativa de que, a través de las marcas y de los rituales que las acompañan, se transmitan mensajes y sentidos a las generaciones futuras [...] Se trata de gestos y afirmaciones, una materialidad con significado político, público y colectivo. Son también intentos de reafirmar sentimientos de pertenencia colectiva y una identidad enraizada en una historia de fracturas y conflictos. Su sentido político es triple: primero, porque su instalación es siempre el resultado de luchas y conflictos políticos; **segundo, porque el sentido que se instala conlleva siempre múltiples silencios sobre otros acontecimientos y otras interpretaciones políticas del pasado;** tercero, porque su existencia es un recordatorio de un pasado político conflictivo, que puede disparar nuevas olas de conflictos sobre el sentido del pasado en cada generación o período histórico (JELIN, 2014, pag. 455, 456, grifo nosso).

Ou seja, ao reconhecer a vela, acaba-se por silenciar o que gera a necessidade da vela, enquanto sujeito, que é o vento. Esse reconhecimento vem de fora, e acreditamos que o vento deveria ter

maior reconhecimento, também, internamente pelo poder público, considerando seu protagonismo em mais de cem anos na história do arquipélago, como foi analisado no presente trabalho. Um reconhecimento não exclui o outro. Segundo o IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, entende-se por patrimônio imaterial:

dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) [...] O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (IPHAN).

Ou seja, o vento para o arquipélago de Ilhabela, além de fazer parte da economia, manifesta saberes, ofícios, modos de fazer, celebrações, está presente em formas musicais e lúdicas. Segundo a LEI Nº 549/2007 de Ilhabela, que institui o registro de bens culturais de natureza imateriais, segundo o artigo 2º, são considerados bens culturais de natureza imaterial:

- I - os processos de criação, manutenção e transmissão de conhecimentos;
- II - as práticas e as manifestações dos diversos grupos socioculturais que compõem a identidade e a memória do Município (ILHABELA, 2007).

O vento no arquipélago pode ser considerado para processos de criação, manutenção e transmissão de conhecimentos. Vimos sua atuação e participação nos processos de construção das canoas, nos saberes relacionados à pesca, saberes de navegação, na transmissão da linguagem, em crenças populares. Podemos dizer que o elemento compõe a identidade e é um protagonista para a memória da região. Ao considerá-lo como patrimônio imaterial, o arquipélago de Ilhabela acaba por preservar uma das memórias importantes do local. Assim como reconheceria sua própria tradição na relação com o sujeito. Fortalecendo ainda mais as relações do arquipélago e de seus moradores com o elemento. Outro ponto interessante é: compreendido o vento no município enquanto patrimônio, o arquipélago faria um movimento político interessante, reconhecendo e dando ênfase a um patrimônio de natureza imaterial, e ao mesmo tempo planetário. De certa maneira compreendendo-se de fato como um arquipélago e dando ênfase que se reconhece enquanto parte do planeta. Ou seja, reconhecendo a localidade privilegiada de atuação do sujeito, que pode ser

seriamente alterada através das mudanças climáticas.

**REFERÊNCIAS.**

ADAMS, Cristina. **As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar.** REVISTA DE ANTROPOLOGIA, USP, V. 43 n° 1. São Paulo, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega.** 1º edição. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, 1986. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/mitologia-grega-vol-1-junito-de-souza-brandc3a3o.pdf> . Acesso em: 07/10/2023.

CBVELA. **Dupla de Ilhabela (SP) lidera primeiro dia do mundial de Snipe.** 2022. Disponível em: <https://cbvela.goodbarber.app/todas-noticias;search=43237068/c/0/i/66848598/mundialdesnipedia1#article> . Acesso em 24/10/2023.

CBVELA. **Mateus Isaac vence Sul-Americano de IQfoil.** 2022. Disponível em: <https://cbvela.goodbarber.app/todas-noticias;search=43237068/c/0/i/67174512/artigo-389#article> . Acesso em 24/10/2023.

CANDIDO, Daniel Henrique; NUNES, Lucí Hidalgo. **Mitologia e climatologia: um estudo das divindades relacionadas à ocorrência de tempo severo.** Revista Brasileira de Climatologia. Ano 8. Vol. 11. Jul/Dez, 2012.

CANSIM In.: Dicio, **Dicionário Melhoramentos de português.** 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/oK1O/cansim/> acesso em: 08/09/2023.

CIDADE E CULTURA. **Ilhabela, sessão cristianismo.** Disponível em: <https://www.cidadeecultura.com/festas-religiosas-em-ilhabela-turismo-religioso/> . Acesso em:10/09/2023.

CUNHA, Juliana Araujo da. **O comércio intercontinental de especiarias na Indonésia no período pré- colonial e a presença das cias. de comércio durante os séc, XV e XVIII.** Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:

<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2171> . Acesso em: 09/09/2023.

CHAKRABARTY, Dipesh. **O planeta: uma categoria humanista emergente**. Zazie Edições, 2020.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Clima e historia: cuatro tesis**. Utopía y Praxis Latinoamericana vol. 24, núm. 84, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/279/27961130010/27961130010.pdf> Acesso em: 12/12/2023.

DIEGUES. Antonio Carlos (Org.). **Biodiversidades e Comunidades Tradicionais no Brasil**. NUPAUB, USP, São Paulo, 1999.

DRUMMOND, José Augusto. **A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p.177 – 197.

RUEDA, Víctor O. Magaña. **El cambio climático global: comprender el problema**. In: FERNÁNDEZ, A.; MARTÍNEZ, J. **Cambio climático: una visión desde México**. Instituto Nacional de Ecología. Secretaría del Medio Ambiente y Recursos Naturales. Pag. 17 – 27. México, 2004.

FRANÇA, Ary. **Vista do ENTREVISTA: Ary França**. Entrevista realizada em 10 de novembro de 2004, por Laís Mourão e a Professora Doutora Amália Inês Geraiges de Lemos. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n.81, p.45-55, 2005. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/735/618> . Acesso em: 20/10/2023.

FRANÇA, A. **As paisagens humanizadas da ilha de São Sebastião**. Boletim Paulista de Geografia, [S. l.], n. 10, p. 33–44, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1391> . Acesso em: 20/10/2023.

GALDINO, Clayton. **Casas de mãos e barro: a arquitetura caiçara de São Sebastião**. In: Cadernos do CEOM – Ano 23, n. 32 – ETNICIDADES – p. 77-98. Chapecó: Argos, 2010. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/77> . Acesso em: 20/10/2023.

GAARDER, J; HELLERN, V; NOTAKER, H. **O livro das religiões**. Tradução Isa Mara Lando;

revisão técnica e apêndice Antônio Flavio Pierucci. — São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GAN, Manoel Alonso et al. **Monção da América do Sul**. Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – CPTEC/INPE, São José dos Campos – SP, 2009. Disponível em: <http://climanalise.cptec.inpe.br/~rclimanl/revista/pdf/30anos/ganetal.pdf> acesso em: 09/09/2023.

GUIA de ÁREAS PROTEGIDAS. PE Serra do Mar. Disponível em: <https://guiadeareasprotegidas.sp.gov.br/ap/parque-estadual-serra-do-mar/> . Acesso em: 21/10/2023.

GUIA de ÁREAS PROTEGIDAS. PE Ilhabela. Disponível em: <https://guiadeareasprotegidas.sp.gov.br/ap/parque-estadual-ilhabela/> . Acesso em: 21/10/2023.

GUITARRARA, Paloma. "**Correntes marítimas**"; *Brasil Escola*. Disponível em: [Correntes marítimas: o que são, formação, tipos - Brasil Escola \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/brasil-escola/2023/09/10/correntes-maritimas-o-que-sao-formacao-tipos-brasil-escola/) Acesso em 10 de setembro de 2023.

GARCÍA, Artemio G. **Clima oceánico: los mares mexicanos**. In: FERNÁNDEZ, A.; MARTÍNEZ, J. **Cambio climático: una visión desde México**. Instituto Nacional de Ecología. Secretaría del Medio Ambiente y Recursos Naturales. Pag. 41 – 51. México, 2004.

IBGE. **Ilhabela**. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ilhabela/pesquisa/38/47001?tipo=ranking> . Acesso em: 22/10/2023.

ICMBio. **Plano de gestão para o uso sustentável da Tainha no sudeste e sul do Brasil**. Brasília, 2015. Disponível em: [https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/biblioteca/download/relatorio\\_de\\_ordenamento\\_tainha/rel\\_2015\\_plano\\_gestao\\_tainha\\_mpa\\_mma\\_revisado.pdf](https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/biblioteca/download/relatorio_de_ordenamento_tainha/rel_2015_plano_gestao_tainha_mpa_mma_revisado.pdf) . Acesso em: 10/09/2023. Grifo nosso.

ILHABELA. **Calendário de eventos 2023**. Disponível em: <https://turismoilhabela.com/calendario-de-eventos/> . Acesso em: 22/10/2023.

ILHABELA. **Semana Internacional de Vela de Ilhabela**. 2023. Disponível em:

<https://www.ilhabela.com.br/semana-internacional-de-vela-de-ilhabela/#:~:text=As%20provas%20s%C3%A3o%20realizadas%20tradicionalmente,entre%20hot%C3%A9is%2C%20pousadas%20e%20restaurantes>. Acesso em: 22/10/2023.

INGERSOL, Karin Amimoto. **Ontologías del mar**. In: KOTHARI, Ashish et al. **Pluriverso, um diccionario del desarrollo**. Coleção Antrazyt. Barcelona, Espanha: Icaria editorial, s. a. 2019. Pag. 370 – 372.

KOTHARI, Ashish et al. **Pluriverso, um diccionario del desarrollo**. Coleção Antrazyt. Barcelona, Espanha: Icaria editorial, s. a. 2019.

LANCE. **Maior medalhista olímpico do Brasil destaca importância da Semana de Vela de Ilhabela**. 2023. Disponível em: [https://www.terra.com.br/esportes/jogos-olimpicos/maior-medalhista-olimpico-do-brasil-destaca-importancia-da-semana-de-vela-de-ilhabela\\_8d7c1f0b31cbc894c6684f629d16bd6azksq4urx.html](https://www.terra.com.br/esportes/jogos-olimpicos/maior-medalhista-olimpico-do-brasil-destaca-importancia-da-semana-de-vela-de-ilhabela_8d7c1f0b31cbc894c6684f629d16bd6azksq4urx.html) . Acesso em: 22/10/2023.

LUCHIARI, M. T. D. P. **Caiçaras, Migrantes e Turistas: a trajetória da apropriação da natureza no litoral norte paulista**. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 115–116, 2006. DOI: 10.20396/resgate.v5i6.8645515. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645515> . Acesso em: 13 ago. 2023.

MALDONADO, Wanda. **A construção material e simbólica da canoa caiçara**. In: DIEGUES, Antonio Carlos (org.). **Enciclopédia caiçara: o olhar do pesquisador**. NUPAUB-CEC/USP. São Paulo, SP. Editora Hucitec, 2004.

MELQUIADES, Júnior. **Vento Aracati compõe real e imaginário dos sertanejos**. Diário do Nordeste. Fevereiro de 2012. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/vento-aracati-compoe-real-e-imaginario-dos-sertanejos-1.216432> acesso em: 08/09/2023.

MERLO, Marcia. **Memória de Ilhabela: faces ocultas, vozes no ar**. EDUC: FAPESP. São Paulo, 2000.

MILANESI, Marcos Alexandre. **Identificação de Unidades Climáticas na Ilha de São Sebastião.** Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-09062017-114749/publico/2016\\_MarcosAlexandreMilanesi\\_VOrig.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-09062017-114749/publico/2016_MarcosAlexandreMilanesi_VOrig.pdf) . Acesso em: 09/09/2016.

MOREL, Edmar. **O povo não acredita no congelamento de preços do presidente JK.** O Seminário, Rio de Janeiro, 27/09/1958. Acesso em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=149322&pagfis=2138> Acesso em: 19/04/2024.

MORSE, Elizabeth; TURGEON, André. **Wind: wind is the movement of air caused by the uneven heating of the Earth by the sun.** National Geographic. Maio de 2023. Disponível em: <https://education.nationalgeographic.org/resource/wind/> acesso em: 07/09/2023.

MUSSOLINI, Gioconda. **Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara.** Organização de Edgard Carone. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1980.

MUSSOLINI, Gioconda. **Os “pasquins” do litoral norte de São Paulo e suas particularidades na Ilha de São Sebastião.** In: Revista do Arquivo Municipal, volume CXXXIV. São Paulo, 1950.

NÉMETH, Peter Santos. **O feitio da canoa caiçara de um tronco só: a cultura imaterial de uma nação, em 25 linhas.** Dossiê para instrução de processo de registro de bem cultural de natureza imaterial junto ao IPHAN. São Paulo, 25 de novembro de 2011.

NETO. Paulo Stanich (Org.). **Direito das Comunidades Tradicionais Caiçara.** In. A Importância da Tutela Jurídica das Comunidades Tradicionais Caiçaras. Editora Café com Lei, São Paulo, 2016.

NOFFS, Paulo da Silva. **A disputa pela hegemonia do espaço na Baía de Castelhanos.** Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/index.php?option=com\\_jumi&fileid=17&Itemid=160&id=A7A2057D359A&lang=pt-br](https://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=17&Itemid=160&id=A7A2057D359A&lang=pt-br) . Acesso em: 24/10/2023.

NOTÍCIAS DAS PRAIAS. **Confira os campeões da 10ª Copa Brasil de Vela disputada em Ilhabela.** 2022. Disponível em:

<https://noticiasdaspraias.com/2022/11/01/confira-os-campeoes-da-10a-copa-brasil-de-vela-disputada-em-ilhabela/> . Acesso em: 24/10/2023.

NOTÍCIAS DAS PRAIAS. **Decreto presidencial de Dilma Rousseff, em 2011, concedeu à Ilhabela o título de “Capital Nacional da Vela”.** 2023. Disponível em: <https://noticiasdaspraias.com/2023/07/21/sivi50-decreto-presidencial-de-dilma-rousseff-em-2011-concedeu-a-ilhabela-o-titulo-de-capital-nacional-da-vela/> . Acesso em: 23/10/2023.

OHPHATA, Thassia. **Ilhabela a Capital da Vela.** 2001. Disponível em: <https://www.bombarco.com.br/comunidade/noticias/ilhabela-a-capital-da-vela> . Acesso em: 23/10/2023.

PEIXOTO, Danilo. **A evolução de Ilhabela em 212 anos.** 2017. Disponível em: <https://www.tamoiosnews.com.br/carnaval/ilhabela-carnaval/evolucao-de-ilhabela-em-212-anos/> . Acesso em: 23/10/2023.

PLANO DE MANEJO. **Parque Estadual de Ilhabela: resumo executivo.** 2015. Disponível em: <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/fundacaoflorestal/2018/07/resumo-executivo.pdf> . Acesso em 11/03/2024.

PREFEITURA DE ILHABELA. **Tradicional Canoa Vencedora chega ao Parque Fazenda Engenho D'Água.** Tudo em Ilhabela. Ilhabela, 26 de Janeiro de 2022. Disponível em: <https://ilhabela.tudoem.com.br/noticia/2022/04/1668/tradicional-canoa-vencedora-chega#> . Acesso em: 25/08/2023.

PREFEITURA DE ILHABELA, Tudo em Ilhabela, Ilhabela. 28 de junho de 2019. Disponível em: <https://ilhabela.tudoem.com.br/cidade/2023/04/244/tradicional-festa-social-de-sao-pedro> . Acesso em: 09/09/2023.

PRÉ-SAL PETRÓLEO. **Características.** Disponível em: <https://www.presalpetroleo.gov.br/caracteristicas/#:~:text=O%20pr%C3%A9-sal%20%C3%A9%20uma,continentes%20sul%20americano%20e%20africano.> Acesso em: 05/12/2023.

RADAR LITORAL. **Escola de Vela 'Lars Grael' faz seis anos consolidada na formação de atletas em Ilhabela.** 2022. Disponível em: <https://radarlitoral.com.br/noticias/19361/escola-de-vela-> . Acesso em: 23/10/2023.

RBMA, Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. **Tombamento da Serra do Mar e a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.** Disponível em: [https://www.rbma.org.br/anuario/mata\\_06\\_smar\\_varias\\_tomb.asp#:~:text=Em%201986%2C%20o%20Paran%C3%A1%20formaliza,em%20todo%20o%20seu%20territ%C3%B3rio](https://www.rbma.org.br/anuario/mata_06_smar_varias_tomb.asp#:~:text=Em%201986%2C%20o%20Paran%C3%A1%20formaliza,em%20todo%20o%20seu%20territ%C3%B3rio). Acesso em: 21/10/2023.

ROBELO, Cecílio A. **Diccionario de Aztequismos.** Biblioteca Hispano Americana. Edición Navarro. México, 1544.

ROUSSEFF, Dilma. **LEI Nº 12.457, DE 26 DE JULHO DE 2011.** Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/112457.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112457.htm) . Acesso em 23/10/2023.

SALES, Bruna. **História da Rolex Ilhabela Sailing Week.** 2001. Disponível em: <https://www.bombarco.com.br/comunidade/noticias/historia-da-rolex-ilhabela-sailing-week#:~:text=O%20grupo%2C%20que%20encarava%20as,Semana%20de%20Vela%20de%20Ilhabela>. Acesso em: 22/10/2023.

SÃO SEBASTIÃO. **Escola de Vela de São Sebastião proporciona oportunidades de aprendizado e impulsiona talentos locais.** 2023. Disponível em: <https://www.saosebastiao.sp.gov.br/noticia.asp?ID=N2262023131716#:~:text=Crian%C3%A7as%20e%20adolescentes%20com%20idade,%2C%201.905%2C%20na%20Praia%20Grande>. Acesso em: 23/10/2023.

SCIFONI, Simone. **A construção do patrimônio natural.** USP. São Paulo, 2006.

SILVA, Chirstian Deni Rocha. **Cidade e Natureza: mercado imobiliário, turismo e desenvolvimento urbano em Ilhabela.** São Paulo, 2009.

SIMÕES, Nivaldo. **Projeto registro da tradição oral no arquipélago de Ilhabela.** Ilhabela, Prefeitura Municipal de Ilhabela, 2007.

STEFANI, Alessandra. **Vela de A a Z.** 2016. Disponível em:

<https://www.ilhabela.com.br/dicas/vela-de-z/#:~:text=Ilhabela%20indo%20de%20vento%20em%20popa&text=O%20pessoal%20do%20marketing%20da,pra%20praticar%20esportes%20%C3%A0%20vela>. Acesso em: 22/10/2023.

STORACE, Alberto. **Preservação da cultura caiçara: restauração de um exemplar do antigo meio de transporte representado pelas canoas de voga**. Prefeitura de Ilhabela, 1997.

SIVI, Semana Internacional de Vela de Ilhabela. **História**. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17867240812805361/> . Acesso em: 22/10/2023.

SIVI, Semana Internacional de Vela de Ilhabela. **Classes convidadas**. 50ª edição, 2023. Disponível em: <https://sivilhabela.com.br/classes-convidadas/> . Acesso em 22/10/2023.

SIVI, Semana Internacional de Vela de Ilhabela. **SIVI: AÇÕES ESG**. 50ª edição, 2023. Disponível em: <https://sivilhabela.com.br/sivi-esg/> . Acesso em 22/10/2023.

HUGU, Sutej. **Visión tao del mundo**. In: KOTHARI, Ashish et al. **Pluriverso, um diccionario del desarrollo**. Coleção Antrazyt. Barcelona, Espanha: Icaria editorial, s. a. 2019. Pag. 474 – 477.

TAMOIOSNEWS. **Velejadores de Ilhabela sagram-se campeões do acirrado Campeonato Brasileiro de HPE25**. 2022. Disponível em: <https://www.tamoiosnews.com.br/noticias/velejadores-de-ilhabela-sagram-se-campeoes-do-acirrado-campeonato-brasileiro-de-hpe25/> . Acesso em: 24/10/2023.

TURISMO ILHABELA. Ilhabela. Disponível em: <https://turismoilhabela.com/calendario-de-eventos/> . Acesso em: 10/09/2023.

USP. **Rosa do ventos**. Centro de Divulgação de Astronomia. USP. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://200.144.244.96/cda/jct/rosa-ventos/index.html> , acesso em 12/12/2023.

VIEIRA, Edson Trajano et. al. **Desenvolvimento Social e Econômico: impactos do turismo no município de Ilhabela/SP**. IGepec, Toledo, v. 23, p. 154-171, 2019. Edição especial.

WILLEMS, Emilio. **Ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no sul do Brasil**. Emilio Willems;

Gioconda Mussolini colab. São Paulo, HUCITEC; NUPAUB/CEC, 2003.

YACHT CLUBE ILHABELA. **Associe-se.** 2023. Disponível em:  
<https://www.yci.com.br/o-clube/associe-se/> . Acesso em: 22/10/2023.

ZDLSPORTS. **Caiçaras mostram vocação para a vela na Ilhabela Sailing Week.** 2015.  
Disponível em:  
<https://zdl.pressroom.com.br/2565422acc/caicaras-mostram-vocacao-para-a-vela-na-ilhabela-sailing-week.html> . Acesso em: 23/10/2023.